



APA DA BACIA DO RIO SÃO JOÃO

GUIA DE PEIXES

BAIXO RIO SÃO JOÃO



ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA
**BACIA DO RIO
SÃO JOÃO**
MICO-LEÃO-DOURADO
ICMBio-MMA



APA DA BACIA DO RIO SÃO JOÃO

GUIA DE PEIXES

BACIA DO BAIXO RIO SÃO JOÃO



apoio a
UCs
Conservação &
Uso Sustentável

MPF
Ministério Público Federal



A realização do Projeto Apoio a UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guia de peixes [livro eletrônico] : APA da Bacia
do Rio São João : Baixo Rio São João / [Márcio
Luís Chagas Macedo, Sérgio Ricardo Santos ;
ilustrações Yohanny Melo Gomes]. --
Casimiro de Abreu, RJ : Instituto Vorá, 2026.
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-979347-4-4

1. Peixes - Identificação 2. Pesca artesanal -
Aspectos ambientais 3. Recursos pesqueiros -
Glossários, vocabulários etc. 4. Taxonomia
I. Macedo, Márcio Luís Chagas. II. Santos, Sérgio
Ricardo. III. Gomes, Yohanny Melo.

26-391844.0

CDD-597

Índices para catálogo sistemático:

1. Peixes : Identificação : Zoologia 597

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Equipe

Autores

Márcio Luís Chagas Macedo

Instituto Vorá

Sérgio Ricardo Santos

Instituto Museu Aquário Marinho do Rio de Janeiro (IMAM-AquaRio) e
Laboratório de Biologia e Tecnologia Pesqueira (BioTecPesca/UFRJ).

Revisão

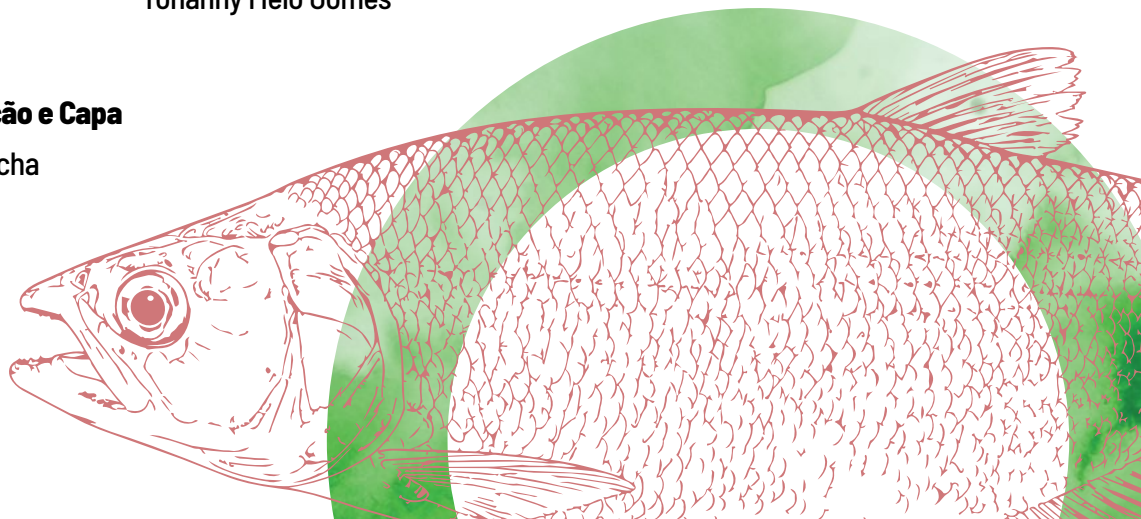
Marcio Antonio von Kriiger

Ilustrações

Yohanny Melo Gomes

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Wilson Venâncio Cesário Rocha



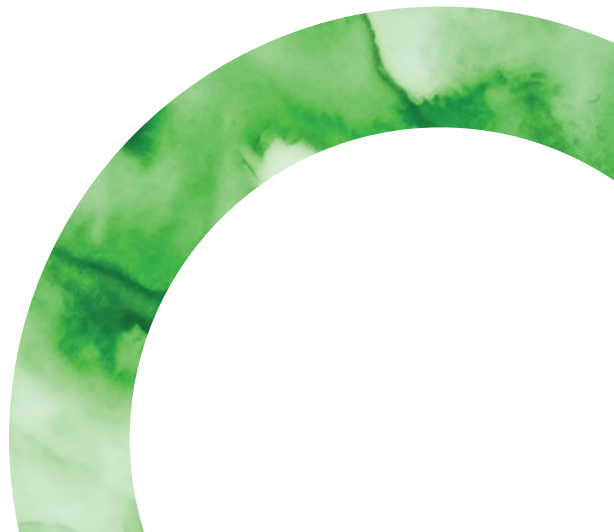


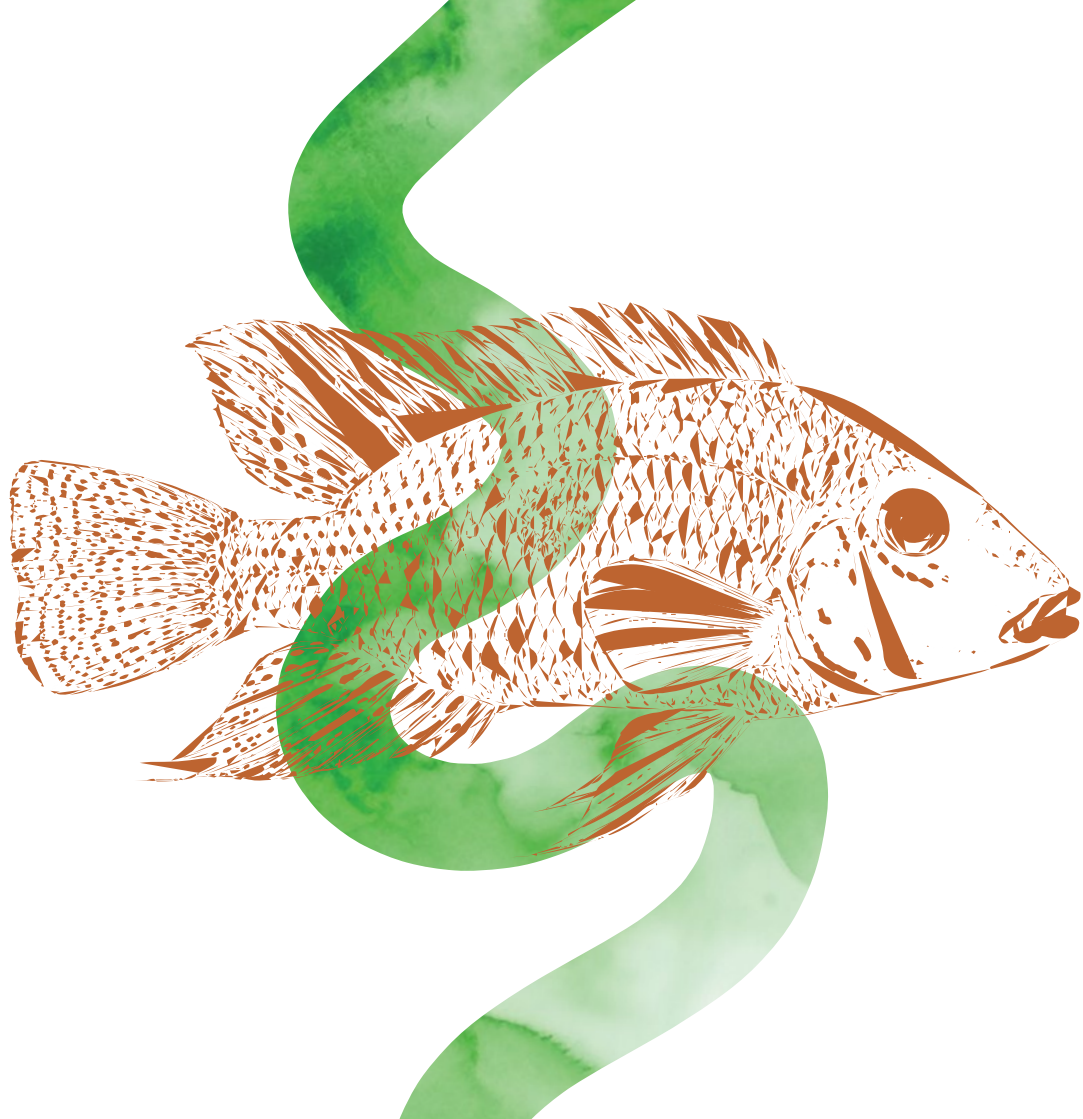
Agradecimentos

Agradecemos à comunidade tradicional de pescadores artesanais do Chavão, que nos acolheu e se tornou uma grande parceira.

Agradecemos especialmente aos pescadores, guias e taxonomistas amadores Alceir França da Cruz, Amauri França Cruz, Wanderson Ferreira Caetano, Carlos André Martins e Zenaide da Cunha Ferreira.

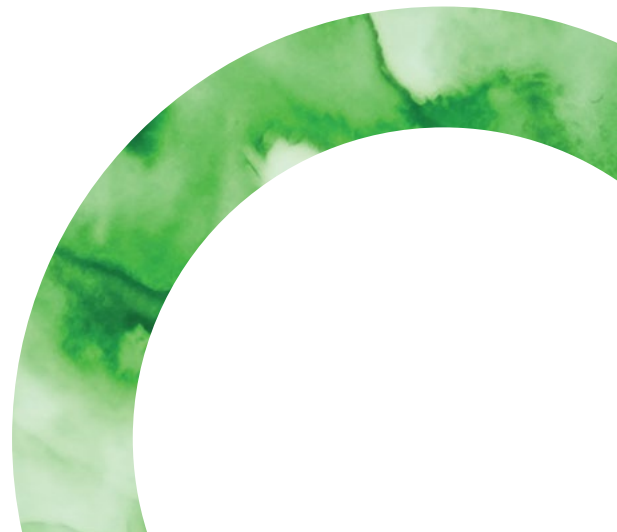
Sem vocês, nada disso seria possível.





Sumário

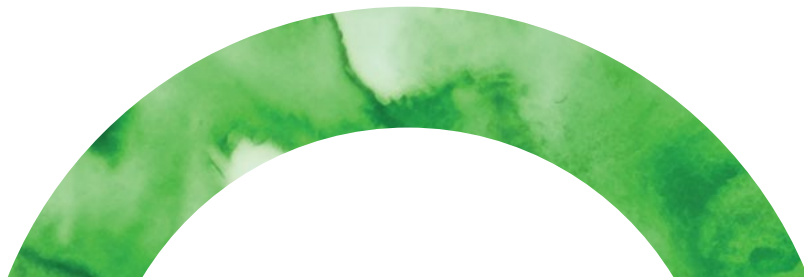
Apresentação	10
Onde estamos?	12
Por que estudar a Bacia do Rio São João?	14
Quais são os objetivos deste Guia?	16
Para quem é este Guia?	18
O que encontrar neste Guia?	20
Como esse Guia foi produzido?	26
Por onde navegamos?	28
Como usar esse Guia?	30
Glossário Ilustrado	74
Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas	80



Sumário | Nome Popular

Acará	52
Apaiari	34
Bagre africano	44
Carapeba	50
Cascudo	60
Jundiá	72
Marobá	54
Parati	64
Piabanha	36
Robalo-flecha	38

Robalo-peva	40
Sairú	46
Solteira	68
Tainha	66
Tamboatá	58
Tarpão	62
Tilápia	70
Traíra	56
Tucunaré	42
Ubarana	48



Sumário | Nome Científico

<i>Astronotus ocellatus</i>	34
<i>Brycon insignis</i>	36
<i>Centropomus undecimalis</i>	38
<i>Centropomus parallelus</i>	40
<i>Cichla kelberi</i>	42
<i>Clarias gariepinus</i>	44
<i>Cyphocharax gilbert</i>	46
<i>Eclipse smithi</i>	48
<i>Eugerres brasilianus</i>	50
<i>Geophagus brasiliensis</i>	52

<i>Hoplerythrinus unitaeniatus</i>	54
<i>Hoplias malabaricus</i>	56
<i>Hoplosternum littorale</i>	58
<i>Hypostomus affinis</i>	60
<i>Megalops atlanticus</i>	62
<i>Mugil curema</i>	64
<i>Mugil liza</i>	66
<i>Oligoplites saurus</i>	68
<i>Oreochromis niloticus</i>	70
<i>Rhamdia quelen</i>	72

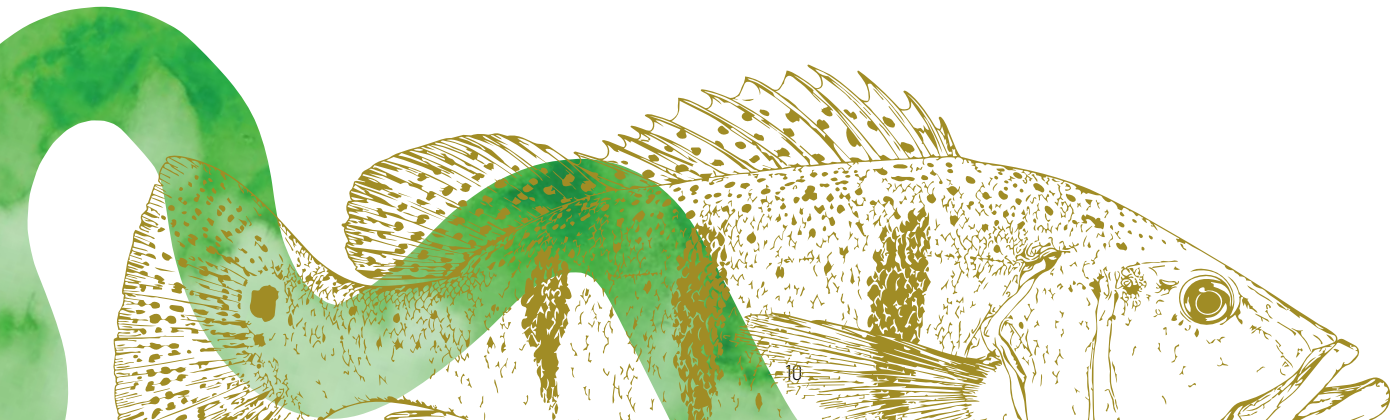


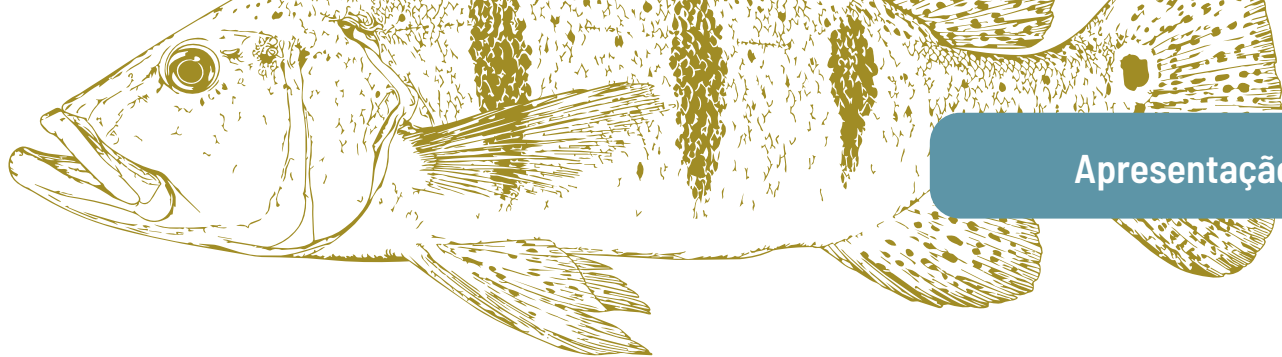
Apresentação

Antes de ser uma espécie, um peixe é parte da história de um rio.

É no encontro entre as águas e as pessoas que se constrói uma relação marcada pela observação, pela experiência e pelos conhecimentos transmitidos entre gerações. Na pesca artesanal ribeirinha, cada curva do rio, cada tributário, cada área alagada e cada transformação da paisagem revelam um saber construído por quem conhece esse território a partir da convivência cotidiana com ele.

Este Guia pretende ser uma porta de entrada para um universo pouco conhecido: o da pesca artesanal ribeirinha. Um universo em que homens e mulheres, em seus barcos, vivem uma profunda relação com a natureza. Muitas vezes, sozinhos sobre as águas, são guiados pelos conhecimentos acumulados ao longo de gerações sobre o rio, seus meandros, os períodos de cheia e vazante, os locais de ocorrência dos peixes e as mudanças provocadas tanto pelos processos naturais quanto pela ação humana ao longo do tempo.





Apresentação

Na bacia do rio São João, a pesca acompanha a ocupação desse território desde os povos originários. Ao longo da história, tornou-se fonte de alimento, trabalho, cultura e identidade para comunidades que aprenderam a viver em estreita relação com o rio. Mais do que uma atividade de subsistência, a pesca artesanal representa uma forma singular de conhecer, interpretar e habitar o território.

Ainda hoje, pescadores artesanais mantêm vivo um conjunto de conhecimentos sobre os peixes, seus hábitos, os períodos de reprodução, os deslocamentos ao longo do rio e as transformações do ambiente. Esse olhar atento, construído na experiência diária e compartilhado entre gerações, constitui parte fundamental do conhecimento reunido neste Guia.

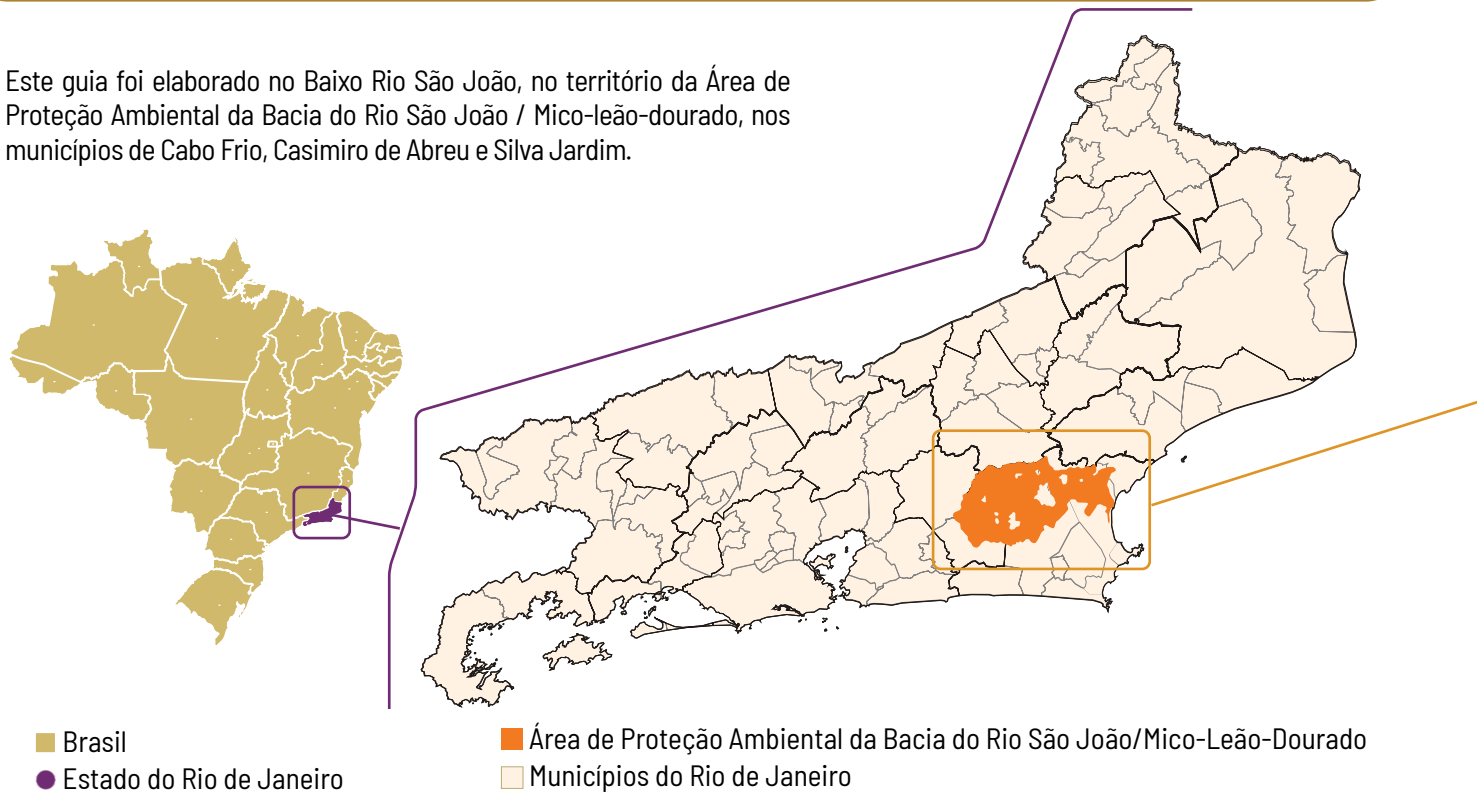
Foi a partir desse diálogo entre conhecimento tradicional e ciência que nasceu esta publicação.

Elaborado na Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado, este Guia apresenta as principais espécies de peixes capturadas pela pesca artesanal ribeirinha e pela pesca amadora na região estuarina e baixo curso da bacia hidrográfica do Rio São João.

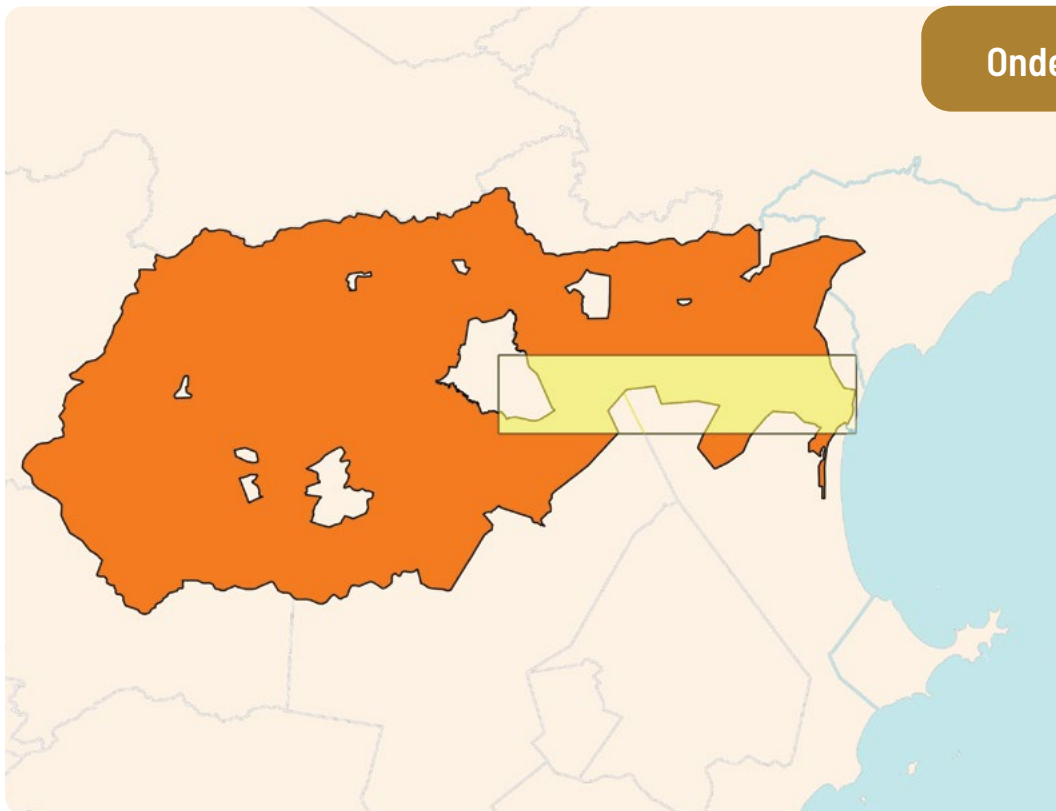
Mais do que um guia de identificação, esta publicação é um convite para conhecer a diversidade de peixes da região e compreender sua importância ecológica, social e cultural. Ao aproximar diferentes formas de conhecimento, busca valorizar os saberes das comunidades tradicionais, contribuir para o uso sustentável dos recursos pesqueiros e fortalecer a conservação da biodiversidade.

Onde estamos?

Este guia foi elaborado no Baixo Rio São João, no território da Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João / Mico-leão-dourado, nos municípios de Cabo Frio, Casimiro de Abreu e Silva Jardim.



Onde estamos?



■ Área de Proteção Ambiental da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado

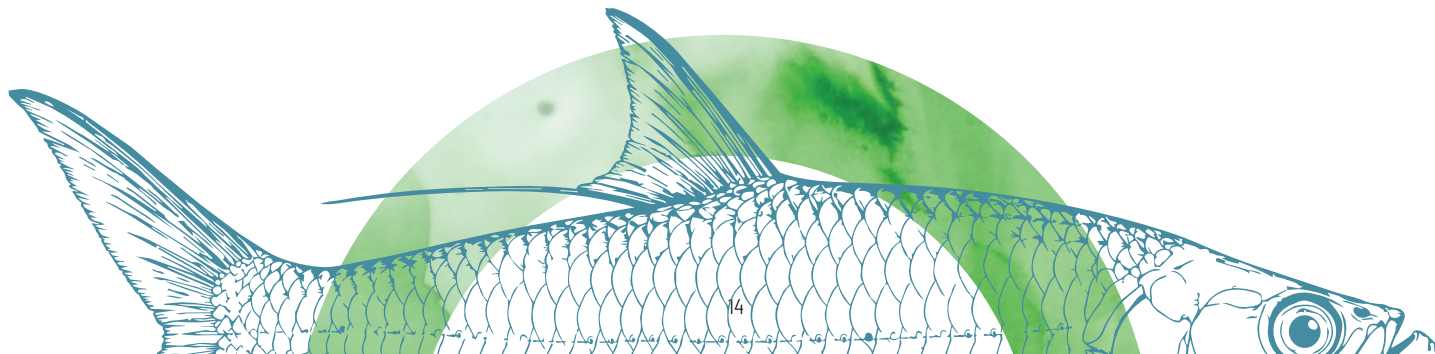
■ Área de estudo

Por que estudar a Bacia do Rio São João?

A Bacia do Rio São João é um dos mais importantes sistemas hidrográficos do Estado do Rio de Janeiro. Com aproximadamente 2.160 km², abriga uma grande diversidade de ambientes e espécies, além de comunidades que, há gerações, constroem seus modos de vida em estreita relação com as águas do rio.

Ao longo de seu percurso, o rio atravessa paisagens profundamente distintas. Nas proximidades de sua foz, convivem águas doces, salobras e marinhas, formando um mosaico de ecossistemas que favorece uma rica diversidade de peixes. Em um mesmo trecho do rio é possível encontrar espécies típicas de água doce, espécies marinhas que utilizam o estuário durante parte do seu ciclo de vida e espécies introduzidas ao longo da história da ocupação da bacia.

Essa riqueza biológica convive, entretanto, com intensas transformações provocadas pela ação humana. A expansão urbana, a construção da barragem de Juturnaíba, a retificação de trechos do rio e outras alterações na paisagem modificaram a dinâmica natural da bacia, tornando a região uma das áreas prioritárias para ações de conservação e recuperação ambiental. Estudos apontam que a bacia apresenta trechos sob moderado a alto risco ecológico, especialmente aqueles que influenciam o Reservatório de Juturnaíba, a baixada do rio São João e os tributários da Lagoa de Araruama.





Por que estudar a Bacia do Rio São João?

Apesar dessas pressões, o rio ainda preserva segmentos de seu curso original que desempenham papel fundamental para a conservação da ictiofauna nativa. Esses ambientes funcionam como refúgios para diversas espécies e representam importantes áreas para futuras iniciativas de recuperação ambiental.

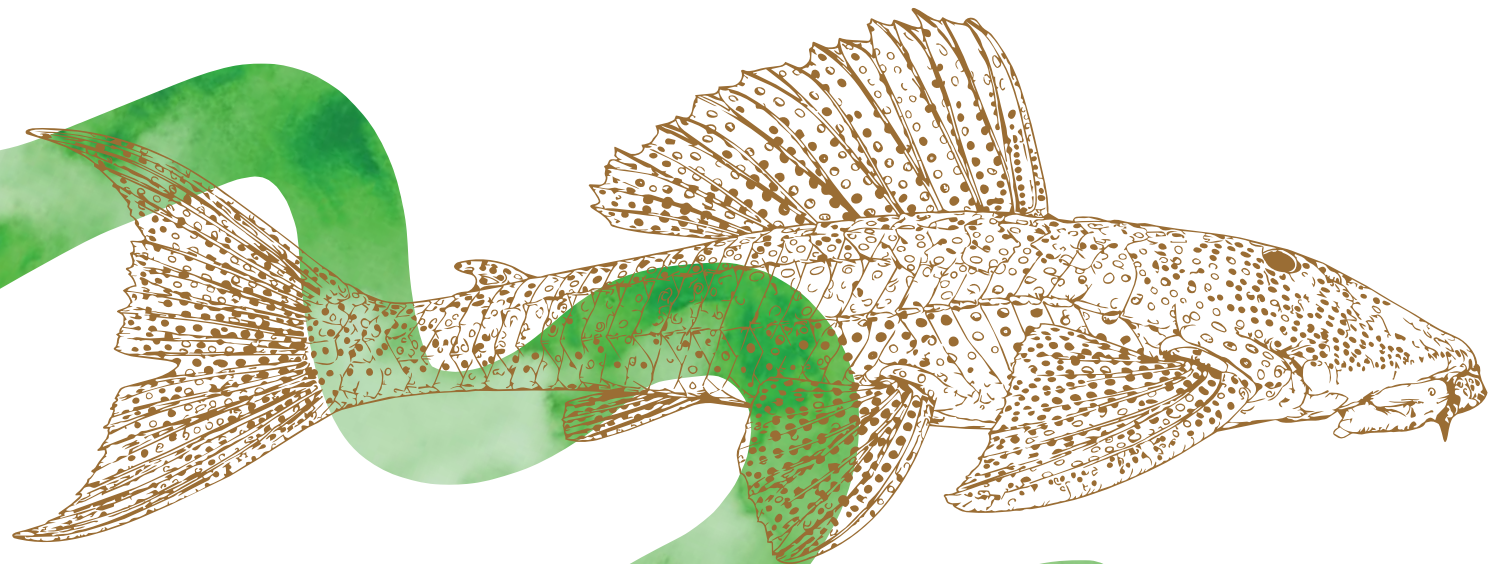
Este Guia é resultado da pesquisa desenvolvida junto à comunidade tradicional de pescadores do curso terminal e da foz do rio São João, entre a barragem do Reservatório de Juturnaíba e o encontro do rio com o mar, na região compreendida entre Tamoiós, em Cabo Frio, e Barra de São João, em Casimiro de Abreu, ambos no Estado do Rio de Janeiro..

Mais do que registrar a diversidade de peixes da região, este trabalho reconhece que compreender a Bacia do Rio São João exige integrar diferentes formas de conhecimento. Valorizar a experiência acumulada pelos pescadores artesanais e colocá-la em diálogo com a ciência amplia nossa compreensão sobre o funcionamento desse ecossistema e fortalece os esforços voltados à sua conservação.

Quais são os objetivos deste Guia?

Este Guia apresenta 20 espécies de peixes capturadas pela pesca artesanal ribeirinha e pela pesca amadora na região do baixo Rio São João, dentro dos limites da Área de Proteção Ambiental (APA) da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado.

Mais do que identificar espécies, esta publicação busca aproximar o leitor da realidade das pescarias desenvolvidas na região. Embora a pesca artesanal, a pesca amadora e a pesca esportiva possuam diferentes motivações, a segurança alimentar, a geração de renda, o lazer ou o esporte, todas compartilham um mesmo território e interagem com os recursos pesqueiros presentes nos diversos ambientes da bacia, naturais ou transformados pela ação humana.





Quais são os objetivos deste Guia?

Com este Guia, buscamos:

Ampliar o conhecimento sobre as pescarias desenvolvidas nas águas da APA da Bacia do Rio São João/Mico-Leão-Dourado;

Apresentar algumas das principais espécies utilizadas por pescadores artesanais, pescadores amadores e praticantes da pesca esportiva, destacando suas capturas mais frequentes;

Contribuir para a gestão dos recursos pesqueiros, reunindo informações sobre as espécies capturadas pelos diferentes grupos de pescadores;

Oferecer uma ferramenta de consulta acessível, com linguagem simples e imagens que facilitem a identificação das espécies por diferentes públicos;

Valorizar o conhecimento dos pescadores ribeirinhos e evidenciar sua contribuição para a compreensão e a conservação da biodiversidade;

Estimular o debate sobre políticas públicas voltadas à pesca, à conservação dos ecossistemas aquáticos e ao fortalecimento das comunidades tradicionais.

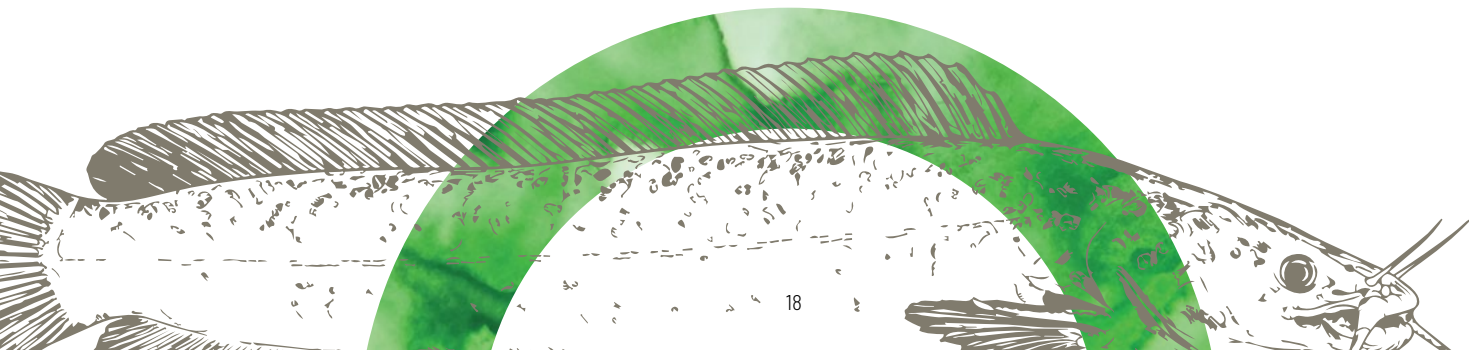
Para quem é este Guia?

Este Guia foi pensado para todos aqueles que desejam conhecer melhor os peixes associados às pescarias praticadas no Baixo Rio São João. Destina-se a pescadores artesanais, pescadores amadores, praticantes da pesca esportiva, estudantes, pesquisadores, gestores, moradores e visitantes interessados em compreender a riqueza biológica, cultural e social desse território.

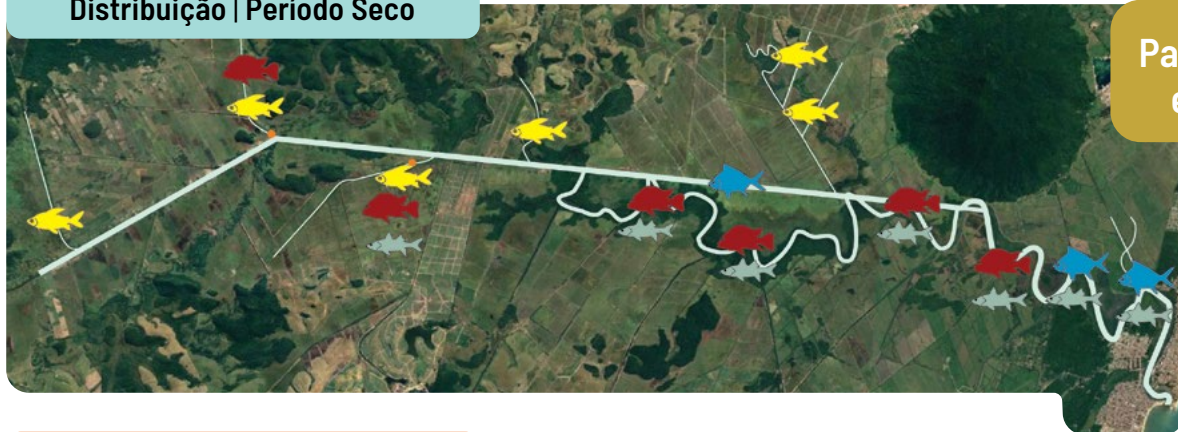
Mais do que apresentar espécies, o Guia aproxima o leitor do universo da pesca artesanal ribeirinha, revelando como o ritmo das águas, as cheias e vazantes e a variação das estações do ano moldam as pescarias e o modo de vida das comunidades tradicionais. Ao mesmo tempo, permite compreender como diferentes modalidades de pesca se relacionam com os recursos pesqueiros e com a dinâmica do rio.

Seja para identificar um peixe, compreender a produção pesqueira local, planejar uma atividade de pesca esportiva ou conhecer melhor esse modo de vida, este Guia é um convite para olhar o rio a partir da perspectiva de quem convive com ele todos os dias e contribui para a conservação desse ecossistema.

As figuras a seguir apresentam a distribuição das espécies no período chuvoso e no período seco.



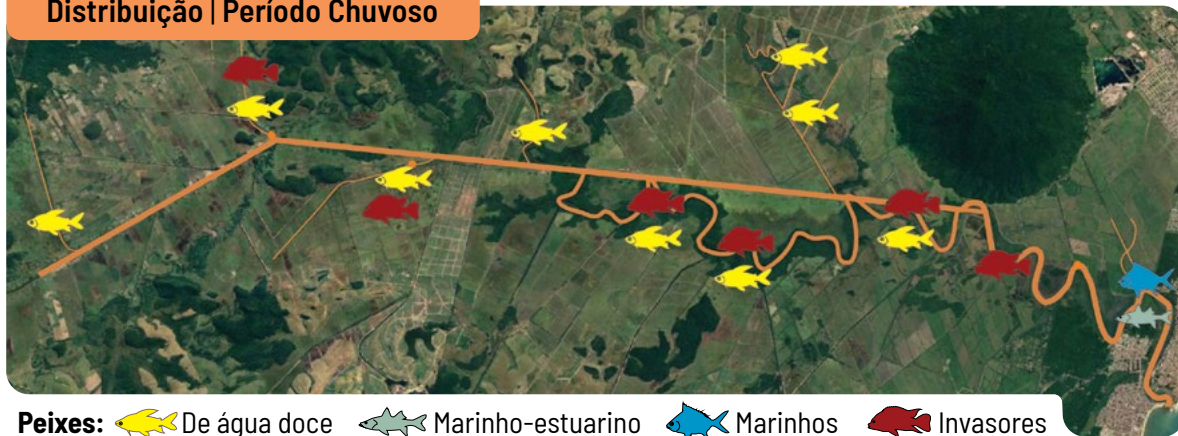
Distribuição | Período Seco



Para quem é
este Guia?

Trecho do
Baixo Rio
São João

Distribuição | Período Chuvoso



Trecho do
Baixo Rio
São João

Peixes: De água doce Marinho-estuarino Marinhos Invasores

O que encontrar neste Guia?

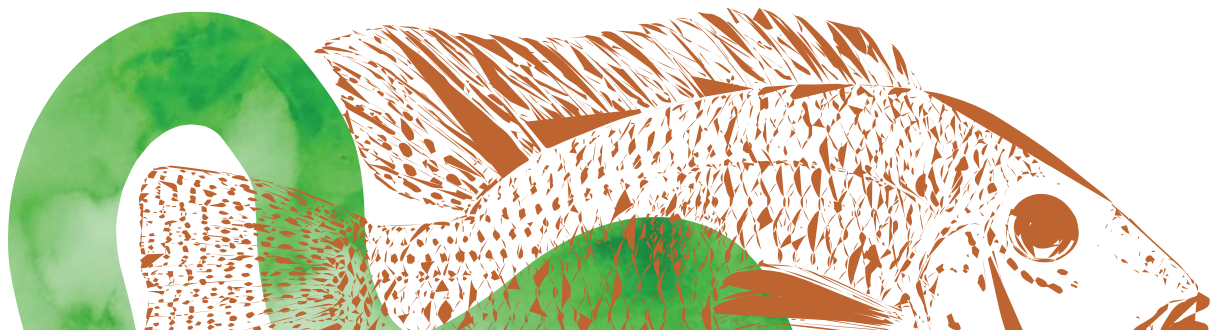
Os peixes apresentados neste Guia fazem parte do cotidiano das diferentes pescarias desenvolvidas no baixo Rio São João. São espécies capturadas pela pesca artesanal ribeirinha, voltada à subsistência e à comercialização, pela pesca amadora e pela pesca esportiva.

Cada espécie apresentada neste Guia reúne informações que ajudam a compreender não apenas como identificar um peixe, mas também sua importância para a pesca, para a biodiversidade e para a conservação da Bacia do Rio São João.



Nome da Espécie | Cada peixe é identificado por seu nome científico, pelos nomes populares utilizados pelos pescadores da região e pela família à qual pertence.

Ao todo, o Guia reúne 20 espécies, distribuídas em 14 famílias. Entre elas, a família Cichlidae é a mais representativa.



O que encontrar neste Guia?



Status de Conservação | Status de conservação levantado dos peixes deste guia estão descritos na portaria GM/MMA nº 1.667, publicada em 28 de abril de 2026, que atualiza a Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção voltada para peixes e invertebrados aquáticos.

Das espécies capturadas durante a confecção deste guia somente duas espécies apresentaram categoria de ameaça, o *Megalopus atlanticus* (Tarpão – Vulnerável) e o *Brycon insignis* (Piabanha – Em perigo).

Para todas as outras espécies, a classificação é pouco preocupante.

Conhecer o estado de conservação das espécies é um passo importante para promover práticas de pesca compatíveis com a manutenção da biodiversidade.

RISCO DE EXTINÇÃO	+	EX	Extinta	EXTINCT
		EW	Extinta na Natureza	EXTINCT IN THE WILD
		CR	Criticamente Ameaçada	CRITICALLY ENDANGERED
		EN	Em Perigo	ENDANGERED
		VU	Vulnerável	VULNERABLE
		NT	Quase Ameaçada	NEAR THREATENED
		LC	Pouco Preocupante	LEAST CONCERN
		DD	Decifiente de Dados	DATA DEFICIENT
	-	NE	Não Avaliada	NOT EVALUATED

O que encontrar neste Guia?



Descrição | Cada espécie é acompanhada por uma descrição de suas principais características, contribuindo para sua identificação em campo e ampliando o conhecimento sobre sua biologia.



Boas práticas | Algumas espécies apresentadas neste Guia possuem regras específicas para sua pesca. Este tópico traz informações sobre períodos de defeso, proibições e outras restrições de captura, importantes para uma pesca responsável e para a conservação das espécies.

Pesque com responsabilidade!

Conheça e respeite as regras de pesca de cada espécie. Se capturar uma espécie cuja pesca é proibida, devolva-a à água. Cada atitude responsável contribui para a conservação dos peixes e dos ambientes onde vivem.



Habitat | Ao longo de seu percurso, o Rio São João atravessa diferentes ambientes, formando um gradiente que vai da água doce às águas sob influência do mar. Essa diversidade de habitats é um dos fatores que explica a variedade de peixes encontrada na região.

Neste Guia, as espécies foram classificadas de acordo com o ambiente onde ocorrem, considerando o trecho compreendido entre a foz do rio e as proximidades da Represa de Juturnaíba.

O que encontrar neste Guia?

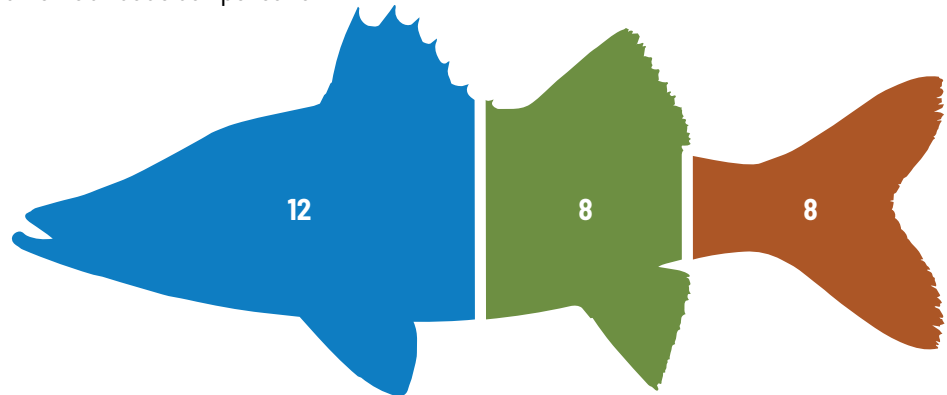
Habitat



Além de formar o maior reservatório de água doce da região, a represa representa a principal interrupção da conectividade natural do Rio São João, influenciando o deslocamento de diversas espécies e a dinâmica da ictiofauna.

Para facilitar a compreensão, os ambientes foram agrupados em três categorias: marinho costeiro, estuário e água doce. Das 20 espécies apresentadas neste Guia, 12 ocorrem predominantemente em ambientes de água doce. As outras 8 espécies utilizam os ambientes estuarino e marinho-costeiro em diferentes momentos de seu ciclo de vida. Compreender os habitats ocupados pelos peixes permite entender como eles utilizam o rio ao longo do seu ciclo de vida. Da foz ao reservatório de Juturnaíba, cada trecho do rio desempenha um papel essencial para a conservação da biodiversidade e para a sustentabilidade das pescarias.

- [12] Água doce
- [8] Estuarino
- [8] Marinho - costeiro



O que encontrar neste Guia?



Uso | Os peixes apresentados neste Guia desempenham diferentes papéis para as comunidades locais. Dependendo da espécie, podem contribuir para a alimentação das famílias, a geração de renda por meio da comercialização, a pesca esportiva, a pesca amadora ou, ainda, para a aquariofilia.

Entre os principais recursos pesqueiros da pesca artesanal ribeirinha destacam-se os robalos (flecha e peva), a tilápia, o tucunaré, a traíra, a tainha e o parati. Essas espécies são fundamentais para a segurança alimentar das comunidades tradicionais e representam uma importante fonte de renda para muitas famílias.

Na pesca amadora e na pesca esportiva, os robalos também são as espécies mais procuradas, seguidos pela tilápia e pelo tucunaré. Outras espécies aparecem com menor frequência nas capturas e, em geral, são devolvidas ao rio. Uma exceção é o bagre-africano, que alguns pescadores ribeirinhos aproveitam para alimentação.

Cada modalidade de pesca estabelece uma relação particular com os recursos pesqueiros. Enquanto a pesca artesanal está diretamente ligada ao sustento das comunidades, a pesca amadora e a esportiva valorizam principalmente a experiência da captura e o contato com a natureza. Compreender esses diferentes usos contribui para conciliar conservação da biodiversidade, uso sustentável dos recursos pesqueiros e valorização das comunidades que mantêm viva a cultura da pesca no Rio São João.

O que encontrar neste Guia?



Origem | Nem todos os peixes encontrados no Rio São João são nativos da bacia.

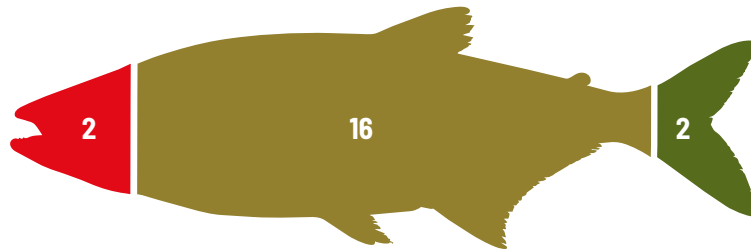
Por isso, este Guia distingue três categorias:

- **Espécies nativas:** ocorrem naturalmente na região e fazem parte do equilíbrio ecológico da bacia;
- **Espécies exóticas:** foram introduzidas em áreas onde não ocorriam naturalmente;
- **Espécies exóticas invasoras:** além de introduzidas, podem causar impactos sobre as espécies nativas e o funcionamento dos ecossistemas.

Entre as espécies registradas, foram identificadas duas espécies exóticas invasoras: a tilápia (*Oreochromis niloticus*) e o bagre-africano (*Clarias gariepinus*), além de duas espécies exóticas originárias da Bacia Amazônica: o apaiari (*Astronotus ocellatus*) e o tamboatá (*Hoplosternum littorale*).

As demais espécies ocorrem naturalmente na região Sudeste e na Bacia do Rio Paraíba do Sul.

- [2] Exótico
- [16] Nativo
- [2] Exótico Invasora



Como esse Guia foi produzido?

Este Guia é resultado do diálogo entre ciência e conhecimento tradicional. Sua construção contou com a participação de pescadores artesanais ribeirinhos, pescadores amadores e praticantes da pesca esportiva que conhecem profundamente o Rio São João e utilizam suas águas para o trabalho, a subsistência, o lazer e o esporte.

Ao longo de um ano, a equipe técnica acompanhou, mensalmente, pescadores artesanais em suas jornadas de pesca. Foram visitados os principais pontos de captura utilizados atualmente, bem como locais que, ao longo do tempo, deixaram de fazer parte da rotina dos pescadores, permitindo compreender as transformações ocorridas na dinâmica da pesca e do próprio rio. A colaboração dos guias de pesca esportiva e dos pescadores amadores também foi essencial, pois possibilitou o registro de espécies raramente capturadas pela pesca artesanal, ampliando o conhecimento sobre a ictiofauna da região.

Os peixes apresentados neste Guia foram registrados utilizando os mesmos petrechos empregados pelos pescadores em seu cotidiano. As pescarias utilizaram redes de emalhe e de tresmalho (conhecida localmente como feiticeira), além de linha e anzol, espinhel, puçá e peneiramento em áreas alagadas durante o período chuvoso. As redes de emalhe variaram entre 10 metros de comprimento, quando utilizadas em arrastos nas valas artificiais, e 30 metros, nas pescarias de caceio realizadas no trecho retificado do Rio São João. Foram empregadas malhas de 40, 50, 60 e 70 mm entre nós adjacentes. A rede de tresmalho possuía uma rede interna com malha de 40 mm e redes externas com malha de 90 mm, enquanto a rede utilizada no caceio apresentava malha de 40 mm entre nós adjacentes.

Como esse Guia foi produzido?

Embora as redes de emalhe tenham apresentado maior eficiência em número de capturas, técnicas como linha e anzol, espinhel, puçá e peneiramento foram fundamentais para registrar as espécies, especialmente aquelas de interesse da pesca amadora e esportiva, ampliando a representatividade das espécies documentadas neste Guia.

As redes permaneceram na água por até oito horas em cada ponto de amostragem, sendo vistoriadas a cada duas horas. Esse procedimento reduziu a mortalidade dos peixes e minimizou a captura acidental de outros animais, como jacarés e outras espécies que eventualmente poderiam ficar emalhadas durante o trabalho de campo.

Mais do que um levantamento da ictiofauna, este Guia representa um esforço coletivo de documentação da biodiversidade e dos conhecimentos construídos ao longo de gerações por aqueles que vivem e trabalham às margens do Rio São João.

As imagens das espécies do Guia de Peixes resultam de registros de campo, fotografias, referências especializadas, inteligência artificial e validação científica. Após a captura, identificação e registro, os peixes foram devolvidos ao ambiente. A IA - Inteligência Artificial apoiou a reconstituição educativa de posturas e estruturas temporariamente alteradas fora da água, sem criar espécies ou modificar características diagnósticas. Revisadas por especialista, as representações não substituem fotografias documentais, espécimes-testemunho ou fontes taxonômicas. Seu uso é declarado com transparência, responsabilidade e fidelidade biológica.

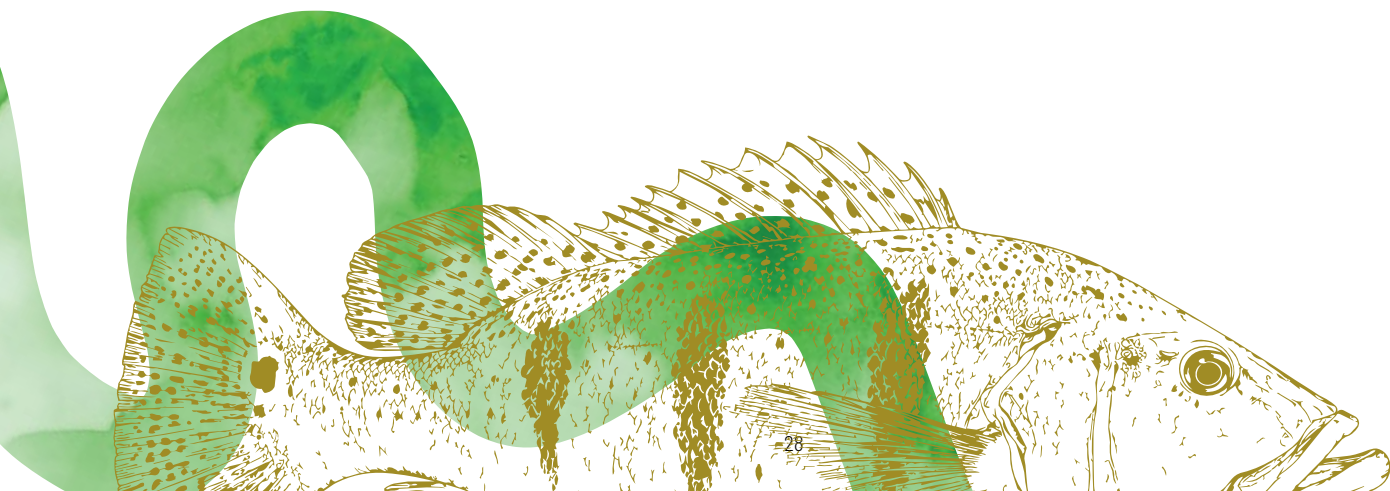
O símbolo ★ , abaixo da imagem da espécie, indica que ela foi aperfeiçoada ou reconstruída com o auxílio de inteligência artificial, a partir de fotografias de campo da equipe, referências especializadas e a revisão técnico-científica em Ictiologia. Com caráter exclusivamente ilustrativo e didático, a imagem não corresponde à fotografia de um exemplar específico, mas constitui uma representação elaborada apenas com base em dados reais.

Por onde navegamos?

A produção deste Guia foi construída a partir da experiência em campo. Ao longo de oito campanhas, percorremos aproximadamente 888 quilômetros pela Bacia Hidrográfica do baixo Rio São João, somando mais de 1.120 horas entre deslocamentos, pescarias e registros das espécies.

As atividades se concentraram no trecho compreendido entre a foz do Rio São João e as proximidades da Represa de Juturnaíba, incluindo ambientes naturais e valas artificiais criadas ao longo do processo histórico de ocupação da região. Cerca de metade do percurso foi realizada nesses canais, que hoje também fazem parte da dinâmica das pescarias locais.

A figura a seguir apresenta os principais locais visitados durante as campanhas de campo, evidenciando a diversidade de ambientes percorridos e a abrangência do estudo.



Por onde navegamos?

Fonte: adaptado do Google Earth



● **Localidades**

1 - Bambuzinho

2 - Alagado da Capuera

3 - Alagado da Casa Branca

4 - Coroa Casa Quebrada

5 - Rio Dourado

6 - Rio Dourada

7 - Rio Velho

8 - Rio das Patas

9 - Prof. Souza

10 - Rio Aldeia Velha

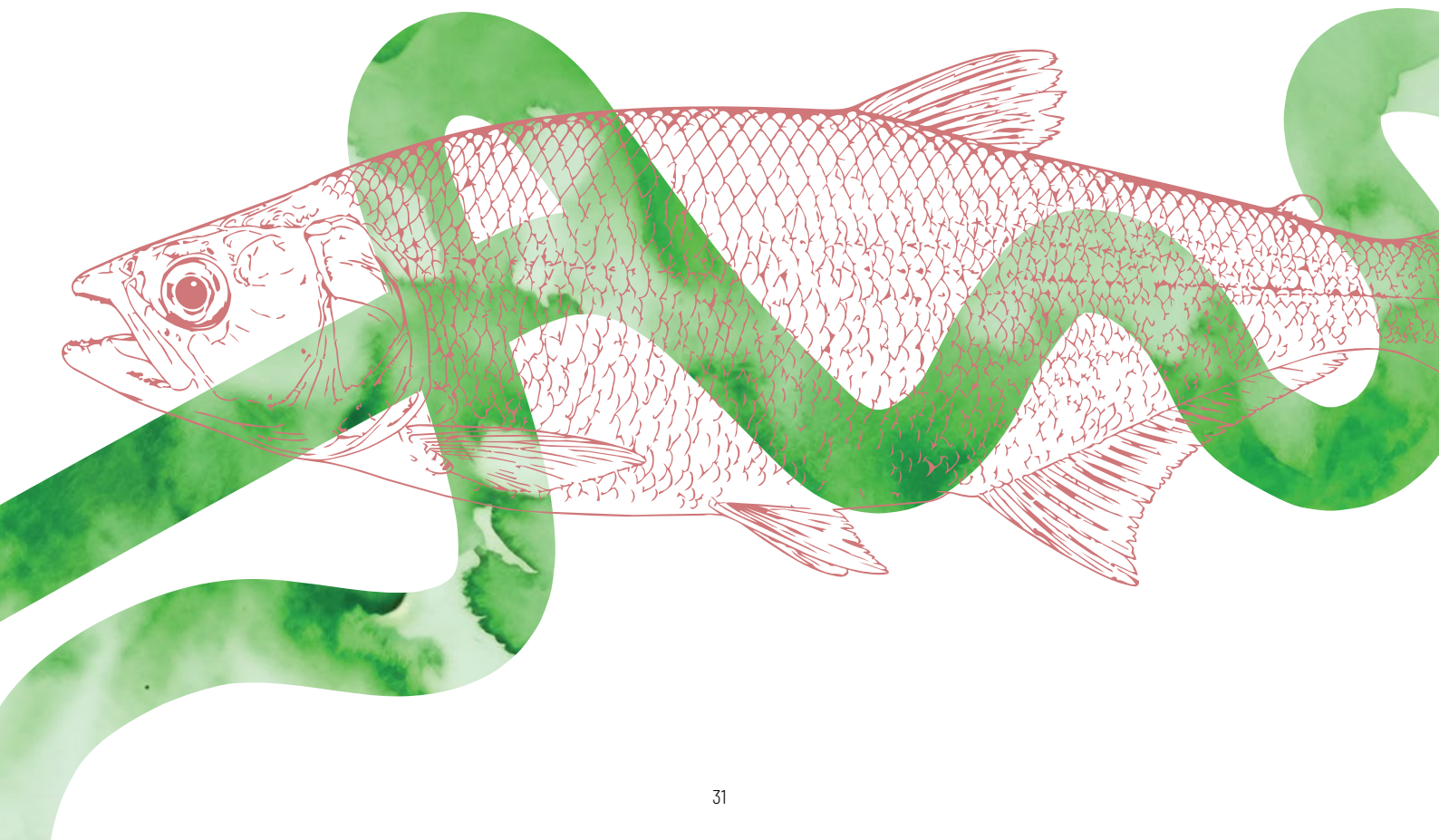
Como usar esse Guia?

Este Guia foi elaborado para ser acessível tanto a quem já conhece os peixes da região quanto àqueles que estão dando os primeiros passos nesse universo.

Cada espécie é apresentada por meio de fotografias, nomes popular e científico, breve descrição, habitat, origem, status de conservação e principais formas de uso. Também são indicados os ambientes onde ocorre, sua importância para as pescarias locais e outras informações que auxiliam na identificação e ampliam o conhecimento sobre a espécie.

As informações podem ser consultadas de forma independente, permitindo que o leitor utilize o Guia durante atividades de campo, em estudos, na prática da pesca ou simplesmente para conhecer melhor a biodiversidade do Baixo Rio São João e a estreita relação entre seus peixes, suas águas e as comunidades que vivem desse território.

O Guia também conta com um glossário ilustrado, que facilita a compreensão dos termos técnicos utilizados nas descrições.



ESPECIES

ESPE



Fishes

ESPÈCES

Apaiari

Nome popular: Apaiari e Oscar

Nome científico: *Astronotus ocellatus* Agassiz, 1831

Família: Cichlidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN



Habitat: Rios calmos, canais e lagoas ou lagoas



Uso:
Ornamental



Origem:
Exótico | Bacia Amazônica



Descrição: É considerado o maior dos carás, podendo chegar a 1,6Kg e 47,5cm de comprimento. Apresenta espinhos e raios moles da nadadeira dorsal (total); Espinhos e raios moles na dadeira anal. Boca larga com lábios grossos, com presença de pré-operculares; O primeiro arco branquial não apresenta lobo, rastros branquiais curtos e grossos com muitos dentículos; base das nadadeiras dorsal e anal com muitas escamas e muitos raios ramificados; cor do corpo escura com tons de vermelho a margem do opérculo e partes ventrais das laterais do corpo em um tom laranja brilhante; frequentemente apresenta uma mancha preta arredondada com margem laranja na base da nadadeira caudal.



3 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	12-14
---------------------------	-------

Espinhos nadadeira anal	3
-------------------------	---

Poros pré operculares	7
-----------------------	---

Raios da nadadeira dorsal	17-21
---------------------------	-------

Raios nadadeira anal	16-20
----------------------	-------

Piabanha

Nome popular: Piabanha

Nome científico: *Brycon insignis* Steindachner, 1877

Família: Bryconidae

**Status de
Conservação:**

EN

Em Perigo

ENDANGERED



Habitat: Rios



Uso:

Alimentação



Origem:

Nativo



Descrição: Possui corpo fusiforme (forma de foguete), sua linha lateral é bem visível ao longo de todo o corpo, nadadeira caudal é homocerca (duas partes visualmente iguais) e seu formato é furcado. Sua boca é terminal e apresenta a maxila inferior levemente maior que a superior e voltado para cima. Possui coloração prateada e reflexiva no dorso, sendo suas laterais de um prateado mais claro e a região da barriga pode apresentar tons do avermelhado para o rosado quando no período reprodutivo. A nadadeira dorsal apresenta formato ereto e triangular, caracterizada por uma pequena placa em formato de "V" em sua base e raios ramificados, localizada entre as nadadeiras pélvicas e anal.



Boas práticas:





2 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	1
---------------------------	---

Raios da nadadeira dorsal	7(11-12)
---------------------------	----------

Espinhos nadadeira anal	0
-------------------------	---

Raios nadadeira anal	18-22
----------------------	-------

Raios nadadeira caudal lobo superior	10
---	----

Raios nadadeira caudal lobo inferior	9
---	---

Escamas da linha lateral	49-64
--------------------------	-------

Espinhos nadadeira pélvica	0
----------------------------	---

Raios nadadeira pélvica	7-9
-------------------------	-----

Robalo-flecha

Nome popular: Robalo-flecha

Nome científico: *Centropomus undecimalis* Bloch, 1792

Família: Centropomidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante **LEAST CONCERN**



Habitat: Marinho costeiro e Estuarino



Uso: Alimentação, Ornamental



Origem: Nativo



Descrição: Possui um corpo alongado, cabeça moderadamente comprimida. Maxila inferior com maior comprimento que a maxila superior, ultrapassando a ponta do focinho longo e pontudo; olho relativamente pequeno; pré-opérculo fortemente serrilhado em adultos; opérculo liso, sem presença de espinhos. Presença de duas nadadeiras dorsais com um espaçamento entre elas. Nadadeira peitoral com a extremidade de seu raio mais longo ultrapassando a origem da nadadeira pélvica. Extremidade da nadadeira pélvica não alcançando o ânus. Nadadeira anal com seu maior espinho, quando comprimido, não alcançando a base da nadadeira caudal. Coloração escurecida na linha lateral, composta de 61-79 escamas porosas da origem até a base da nadadeira caudal furcada.

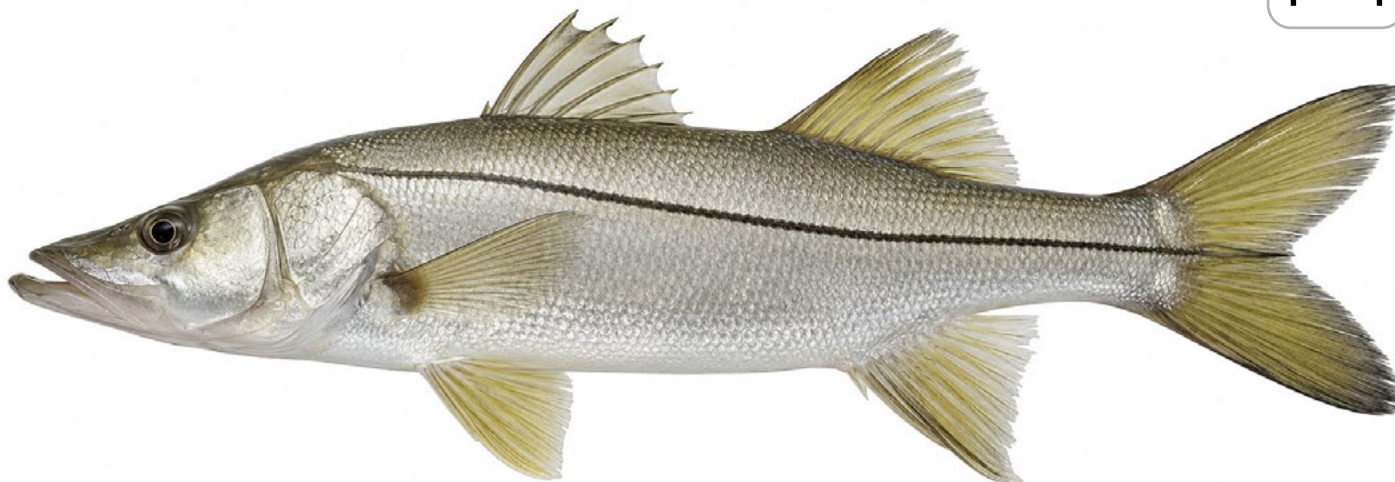


Boas práticas: O tamanho mínimo de captura é de 50 cm. Se o peixe pescado for menor que isso, devolva-o imediatamente ao rio. Portaria IBAMA nº 73 de 24/11/2003.





2 cm



Característica e Contagem

Espinhos dorsais	8 - 9	Raios anais	6	Raios da nadadeira peitoral	14-16
Raios dorsais	10	Espinhos acima do opérculo	2-6	Escamas sobre a linha lateral	61-79
Espinhos anais	3				

Robalo-peva

Nome popular: Robalo-peva / Robalo-peba

Nome científico: *Centropomus parallelus* Poey , 1860

Família: Centropomidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN



Habitat: Marinho costeiro e Estuarino



Uso: Alimentação, Ornamental



Origem: Nativo

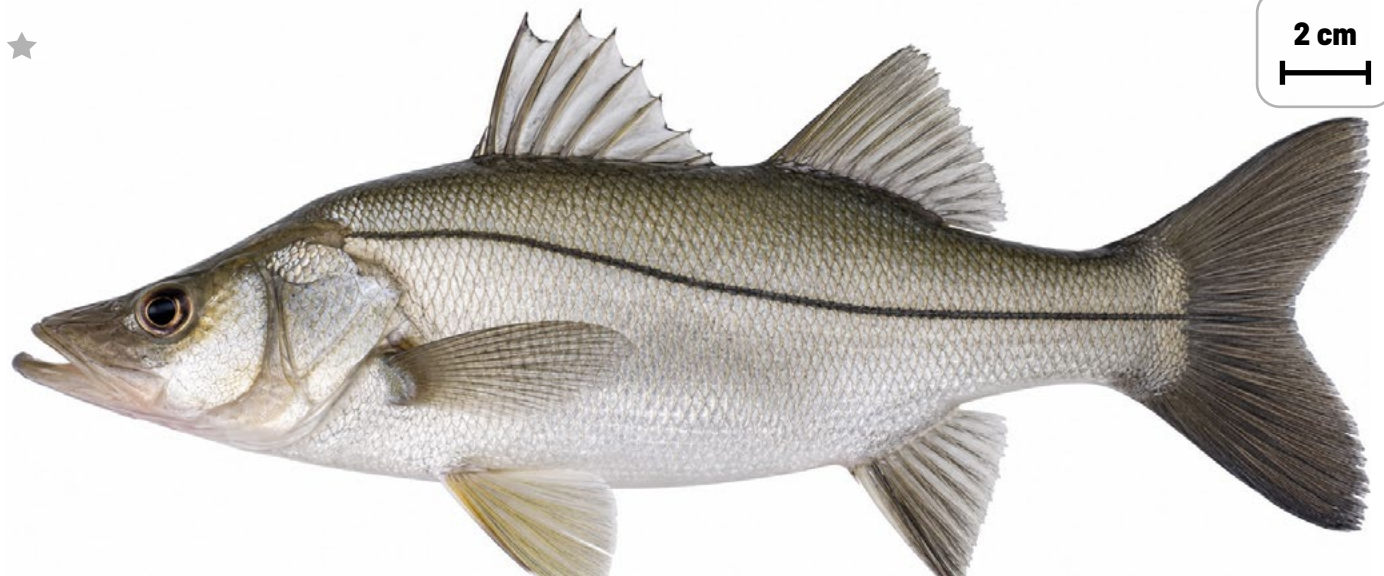


Descrição: Corpo alto, altura do corpo quase cinco vezes o comprimento total, o diâmetro do olho é cinco vezes o comprimento da cabeça. A boca fechada não fica exatamente abaixo do meio do olho. As serrilhas pré-operculares na margem ascendente apontam ligeiramente para cima; existem dois ou três espinhos muito mais fortes no ângulo. O segundo espinho da nadadeira anal tem o mesmo comprimento que a altura do corpo. Coloração escurecida na linha lateral, mas composta de 64-70 escamas porosas da origem até a base da nadadeira caudal furcada. Nadadeira anal com seu maior espinho, quando comprimido, geralmente alcançando a base da nadadeira caudal.



Boas práticas: O tamanho mínimo de captura é de 30 cm. Se o peixe pescado for menor que isso, devolva-o imediatamente ao rio. Portaria IBAMA nº 73 de 24/11/2003.





Característica e Contagem

Espinhos dorsais	8 - 9	Raios anais	6	Raios da nadadeira peitoral	14-16
Raios dorsais	10	Espinhos acima do opérculo	2-6	Escamas sobre a linha lateral	61-79
Espinhos anais	3				

Tucunaré

Nome popular: Tucuna

Nome científico: *Cichla kelberi* Kullander & Ferreira 2006

Família: Cichlidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:
Alimentação, Ornamental



Origem: Exótico | Bacia do rio Araguaia - Tocantins



Descrição: Difere de outras espécies de tucunaré pela presença, em adultos, de pequenas manchas claras nas nadadeiras pélvicas e anal, e no lobo inferior da nadadeira caudal. Possui três barras verticais escuras na lateral, presença de uma barra na região da cabeça pronunciada em espécimes grandes, ausência de marcas pretas ou ocelos lateralmente na cabeça e presença de manchas escuras irregulares na região anterior do abdômen. Apresenta menor número de escamas na linha lateral e ausência da típica quarta barra. Formato do corpo fusiforme.



2 cm



Característica e Contagem

Escamas sobre a linha lateral 76-83

Bagre africano

Nome popular: Bagre-africano

Nome científico: *Clarias gariepinus* Burchell 1822

Família: Clariidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:
Alimentação



Origem: Exótico Invasor |
Continente Africano



Descrição: Cabeça com contorno dorsal entre retangular e pontiagudo; focinho amplamente arredondado; olhos laterais em posição mais acima da cabeça e relativamente pequenos. Os barbilhões maxilares raramente são mais curtos que a cabeça, geralmente um pouco mais longos e atingindo um ponto a meio caminho entre a origem da nadadeira dorsal e a inserção das nadadeiras pélvicas; o barbilhão mandibular externo é mais longo que o par interno. A nadadeira dorsal quase alcança a nadadeira caudal. A nadadeira peitoral estende-se do opérculo até abaixo dos primeiros raios da nadadeira dorsal. O espinho peitoral é robusto, serrilhado apenas na face externa. A linha lateral aparece como uma pequena linha branca da extremidade posterior da cabeça até o meio da base da nadadeira caudal.



7 cm



Característica e Contagem

Espinhos dorsais	0	Espinhos anais	0
Raios dorsais	61 - 80	Raios anais	45 - 65

Sairú

Nome popular: Sairú

Nome científico: *Cyphocharax gilbert* (Quoy & Gaimard, 1824)

Família: Curimatidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN

 **Habitat:** Rios

 **Uso:**
Alimentação

 **Origem:**
Nativo

 **Descrição:** Distingue-se de outras espécies de seu gênero pela combinação do número de escamas sobre a linha lateral até a articulação hipural (união da última vértebra aos raios da nadadeira caudal); poros ao longo de toda a linha lateral em todos os espécimes, exceto nos juvenis; ausência de múltiplas séries de listras escuras longitudinais ou pequenas manchas escuras em múltiplas fileiras longitudinais no corpo, ausência de uma mancha discreta de pigmentação escura na nadadeira dorsal, presença de uma mancha de pigmentação escura na superfície médio lateral do pedúnculo caudal não precedida por 4 ou 5 grandes manchas escuras médio laterais no corpo, ausência de uma faixa de pigmentação escura ao longo dos raios médios da nadadeira caudal em espécimes de tamanho moderado a grande e com presença de raios ramificados na nadadeira dorsal.



2 cm



Característica e Contagem

Raios ramificados na dorsal	9
Escamas sobre a linha lateral	33-38

Ubarana

Nome popular: Barana

Nome científico: *Elipse smithi* Linnaeus 1766

Família: Elopidae

Status de Conservação:

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Marinho costeiro e Estuarino



Uso:
Alimentação



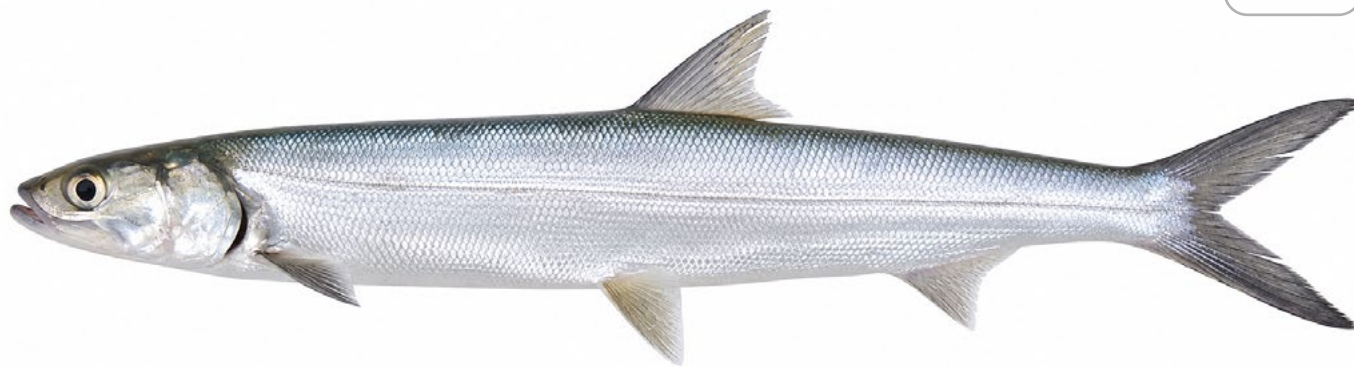
Origem:
Nativo



Descrição: Seu corpo é longo, esguio e fusiforme (formato de torpedo), coberto por escamas prateadas bem finas. Possui olhos grandes que proporcionam um amplo campo de visão. O focinho é afilado e pontudo, boca terminal e um pouco inclinada. A linha lateral é reta, se estendendo horizontalmente ao longo do corpo do peixe, com 119 a 128 escamas sobre a linha. Possui boca terminal (abre bem na frente da cabeça) com a mandíbula inferior ligeiramente mais curta. Alongada, com maxilares que ultrapassam a margem posterior dos olhos e alcançam a margem do pré-opérculo.



4 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	0	Raios da nadadeira anal	16-19
Raios nadadeira dorsal	25-29	Vértebras	73-85
Espinho nadadeira anal	0		

Carapeba

Nome popular: Carapeba

Nome científico: *Eugerres brasilianus* Cuvier, 1830

Família: Gerreidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante **LEAST CONCERN**



Habitat: Marinho e Estuarino



Uso: Alimentação



Origem: Nativo



Descrição: Perfil antes da dorsal suavemente convexo, ascendendo levemente do focinho até ao primeiro espinho da nadadeira dorsal. Espaço entre os olhos com uma depressão triangular. A nadadeira dorsal se origina nos limites anteriores das nadadeiras peitoral e pélvica. O segundo espinho da nadadeira dorsal é mais fino que o terceiro, mas quase do mesmo tamanho. O segundo espinho da nadadeira anal é mais fino que o terceiro e quase do mesmo tamanho, quando apresenta uma depressão no ponto médio do comprimento do pedúnculo caudal. Nadadeira peitoral é em forma de lança, se estendendo até a margem do abdômen, mas nunca alcançando o início da nadadeira anal. Nadadeira caudal bifurcada com lobos de igual comprimento.

Lábios pequenos, com dentes faríngeos semelhantes a molares. Margens posteriores e ventrais do pré-opérculo serrilhadas, série de linhas escuras se estendendo desde a cabeça até a cauda.



2 cm



Característica e Contagem

Elementos da nadadeira dorsal	10	Elementos da nadadeira pélvica	5	Escamas base da dorsal - Linha lateral	3-5
Elementos da nadadeira anal	7-8	Escamas sobre a linha lateral	37-40 (média 38)	Escamas base da anal - Linha lateral	8-9
Elementos da nadadeira peitoral	13				

Acará

Nome popular: Cará

Nome científico: *Geophagus brasiliensis* Quoy & Gaimard 1824

Família: Cichlidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:
Alimentação, Ornamental



Origem:
Nativo



Descrição: Espécie com valor comercial, seja para a pesca comercial, seja pelo seu interesse para aquariofilia. A espécie é marcada por um dimorfismo sexual marcante, com machos maduros desenvolvendo uma protuberância na cabeça (cartola), além de possuir cuidado biparental dos ovos e alevinos. Linha lateral interrompida e presença de uma mancha negra logo abaixo da porção anterior da linha lateral. Faixas verticais escuras também ocorrem em toda lateral. Antes considerada como uma espécie com grande área de distribuição, hoje é reconhecida como um complexo de espécies com muitas espécies novas sendo descritas nos últimos anos.



1cm
└───┘



Característica e Contagem

Sem dados

Marobá

Nome popular: Marobá

Nome científico: *Hoplerythrinus unitaeniatus* Spix & Agassiz 1829

Família: Erythrinidae

**Status de
Conservação:**

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:

Alimentação



Origem:

Nativo



Descrição: São peixes de tamanho moderado a grande, alcançando até 35 cm de comprimento padrão. O corpo e a cabeça são altos, com altura proporcional superior a observada em *Hoplias malabaricus*, congêneres geograficamente próximos. Os olhos também são proporcionalmente menores no comprimento da cabeça. A coloração do corpo é castanha na porção latero-dorsal e clara latero-ventralmente. Possuem uma mácula escura negra no bordo superior do opérculo quando adultos. A nadadeira caudal é arredondada e possui uma única nadadeira dorsal de formato arredondado ou levemente retangular. Esta se localiza no terço anterior do dorso, um pouco antes da vertical que marca o início da nadadeira anal, possuindo uma contagem que varia de 12 a 16 raios.



1,5 cm



Característica e Contagem

Raio espinhoso nadadeira dorsal	1	Raios não ramificados nadadeira anal	2	Raios ramificados nadadeira pélvica	5
Raios ramificados nadadeira dorsal	6	Raios ramificados nadadeira anal	5	Raios não ramificados nadadeira peitoral (duro)	1
Raios nadadeira caudal	14-16	Raios não ramificados nadadeira pélvica (duro)	1	Reios ramificados nadadeira peitoral	9-10
Raios nadadeira anal	6-8				

Traíra

Nome popular: Traíra

Nome científico: *Hoplias malabaricus* Bloch 1794

Família: Erythrinidae

Status de Conservação:

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Valas, lagoas e encharcados



Uso:
Alimentação



Origem:
Nativo



Descrição: Corpo robusto, cilíndrico e alongado, nadadeira dorsal é única com formato arredondado e presença de raios moles, não apresentando espinhos rígidos. É posicionada na metade superior do dorso, não possui nadadeira adiposa. Nadadeira caudal arredondada.

Sua boca é terminal e ampla, estendendo-se para os lados da cabeça, atingindo a altura do meio dos olhos. A mandíbula inferior ultrapassa visivelmente a maxila superior com a boca fechada. Possui dentes em formato caninos desenvolvidos, irregulares, cônicos e muito pontiagudos, possui dentes no palato (céu da boca) e placas dentígeras na língua, dando uma sensação áspera à língua.

Uma das principais características para identificar essa espécie é através da observação da vista ventral (peixe de barriga para cima) da mandíbula (boca), as margens das mandíbulas se convergem em direção a sínfise mandibular (local de união dos ossos da mandíbula), formando uma margem em "V".



2,5 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	0	Raios nadadeira caudal	15-17
Raios nadadeira dorsal	13-15	Raios nadadeira anal	10-15

Tamboatá

Nome popular: Tamboatá, Camboatá e Tamoatá

Nome científico: *Hoplosternum littorale* Hancock 1828

Família: Callichthyidae

**Status de
Conservação:**

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:

Alimentação , Ornamental



Origem: Exótico | Bacias Amazônica, do Orinoco, do Paraná e do Paraguai



Descrição: Ossos abaixo das órbitas exposto, cabeça com curvatura moderada, mais do que 75% da largura do final da cabeça, osso coracoide exposto ventralmente, nadadeira caudal truncada ou convexa (furcada), o segundo osso abaixo da órbita bem desenvolvido, articulando com o osso composto do crânio e cintura peitoral característico dos peixes da família Loricariidae (cascudos). É formado pela fusão do osso pterótico com o supracleito, unindo a parte posterior do crânio à armadura do tronco e suportando a nadadeira peitoral. O osso coracoide não se conecta aos ossos infraorbitais, opérculo ou a linha lateral em machos desenvolvidos, 4 a 6 escudos (placas) perfuradas em série linear sobre a linha lateral, são divididas em duas séries paralelas que envolvem todo o corpo do peixe: uma série acima da linha lateral e uma série abaixo da linha lateral.



Característica e Contagem

Espinho nadadeira dorsal (acúleo)	1	Raios não ramificados nadadeira anal	3	Raios ramificados nadadeira pélvica	5
Raios ramificados nadadeira dorsal	7	Raios ramificados nadadeira anal	5	Espinho nadadeira peitoral	1
Raios nadadeira caudal	14-16	Raios não ramificados nadadeira pélvica	1	Raios nadadeira peitoral	9

Cascudo

Nome popular: Cascudo

Nome científico: *Hypostomus cf. afinis* Lacépède

Família: Loricariidae

**Status de
Conservação:**

Sem dados para o gênero



Habitat: Rios



Uso:
Ornamental



Origem:
Nativo



Descrição: Corpo com região ventral achatada. A nadadeira dorsal sustentada por espinho seguida de raios ramificados. Nadadeira caudal um raio não ramificado em cada extremidade superior e inferior, que com a idade se torna mais curvo e nítido, formato levemente concavo. Na nadadeira dorsal é nítido o enfileiramento de pontos pretos característicos da família. Apresenta nadadeira adiposa. Nadadeira peitoral com um raio grosso coberto por dentes ou saliências ósseas (odontólitos).

A nadadeira peitoral possui um raio não ramificado longo e forte com a ponta virada para dentro, que pode alcançar o início da nadadeira anal. Sua nadadeira anal apresenta o padrão de um raio duro não ramificado e quatro raios ramificados. Boca voltada para baixo, lábios carnosos e desenvolvidos funcionam como ventosa para fixação do peixe. Cor em tons de marrom e pontos pretos distribuídos pelo corpo. Apresenta uma estrutura chamada aba da íris (Iris operculum) característica do gênero.



2,5 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	1
Raios da nadadeira dorsal	7
Raio não ramificado da nadadeira caudal superior	1
Raios da ramificados da nadadeira caudal	14

Raio não ramificado da nadadeira caudal inferior	1
Raio da nadadeira peitoral simples	1
Raios ramificados da nadadeira peitoral	6
Raio da nadadeira pélvica simples	1

Raios ramificados da nadadeira pélvica	5
Raio da nadadeira pélvica simples	1
Raios ramificados da nadadeira pélvica	4

Tarpão

Nome popular: Camurupim

Nome científico: *Megalops atlanticus* Valenciennes, 1847

Família: Megalopidae

Status de Conservação: **VU** Vulnerável **VULNERABLE**

 **Habitat:** Marinho costeiro, Estuarino e Água doce

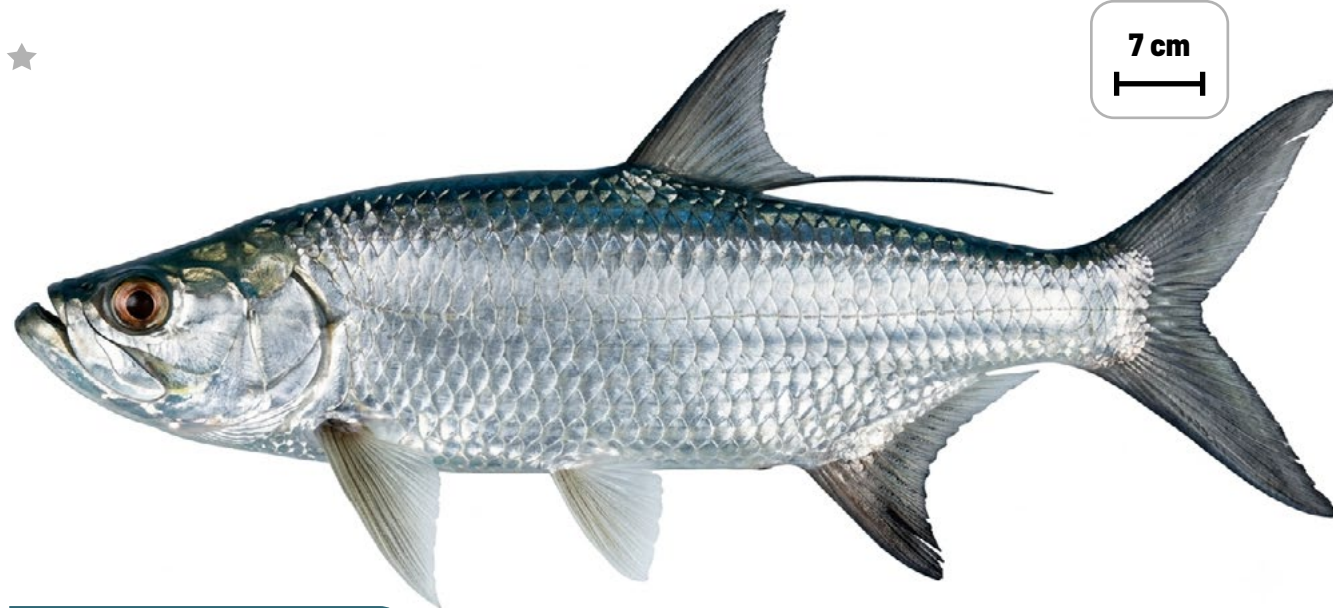
 **Uso:** Pesca esportiva

 **Origem:** Nativo

 **Descrição:** Possui um corpo alongado, robusto e comprimido lateralmente (achatado nas laterais), apresenta escamas grandes e arredondadas (ciclóides). A única nadadeira dorsal do *Megalops atlanticus* (camurupim/tarpão) é curta e alta na parte anterior, a característica marcante é a presença do último raio dorsal alongado, formando um prolongamento em forma de filamento fácil de se destacar. Uma característica que identifica a espécie e o início da nadadeira dorsal está alinhado ao início da nadadeira pélvica. Sua nadadeira caudal é profundamente furcada e homocerca (dois lobos iguais). Sua linha lateral se caracteriza por ser uma linha única e contínua ao longo do corpo do peixe. Sua coloração dorsal varia do azul-profundo ao verde-azulado escuro ou preto, apresentando os flancos e o ventre prateados brilhantes.

 **Boas práticas:** Esta espécie está ameaçada de extinção e sua captura é proibida por lei. Se você pescá-la, devolva-a imediatamente ao rio. Portaria GM/MMA nº 1.667 de 27/04/2026.





Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	0	Espinhos nadadeira anal	0	Vertebras	53-57
Raios da nadadeira dorsal	13-16	Raios nadadeira anal	22-25	Escamas da linha lateral	40-48

Parati

Nome popular: Parati

Nome científico: *Mugil curema* Valenciennes, 1836

Família: Mugilidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN

 **Habitat:** Marinho costeiro, Estuarino e Água doce

 **Uso:** Alimentação

 **Origem:** Nativo

 **Descrição:** Corpo robusto, seção transversal arredondada; cabeça larga; espaço entre órbitas plano; pálpebra adiposa bem desenvolvida cobrindo a maior parte da pupila. Lábio superior simples, mais espesso e profundo do que na maioria das espécies de Mugil. Origem da 1ª nadadeira dorsal tem mesma distância da ponta do focinho e da base da nadadeira caudal; escama modificada alongada e pontiaguda. Segunda nadadeiras dorsal e anal inteiramente cobertas por escamas. Nadadeira anal geralmente III-9 (raramente III-10) em adultos (geralmente II-10 em juvenis <30 mm CP), primeiro espinho muito curto e geralmente oculto pelas escamas sobrejacentes.

 **Boas práticas:** O tamanho mínimo de captura é de 20 cm. Se o peixe pescado for menor que isso, devolva-o imediatamente ao rio. Instrução Normativa nº 53 de 22/11/2005.





2,5 cm



Característica e Contagem

Espinhos dorsais	4 - 5	Espinhos anais	3	Fileiras de escamas entre as origens da primeira nadadeira dorsal e das nadadeiras pélvicas	11-13
Raios moles dorsais (III)	8 - 9	Raios moles anais	9 - 10		

Tainha

Nome popular: Tainha

Nome científico: *Mugil liza* Valenciennes, 1836

Família: Mugilidae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante **LEAST CONCERN**



Habitat: Marinho costeiro e Estuarino



Uso: Alimentação



Origem: Nativo



Descrição: Apresenta o corpo alongado e fusiforme, com escamas tipo ciclóides (lisas ao tato); 29-36 escamas em séries laterais (sendo comum para a espécie entre 30-34 escamas). Nadadeira caudal em forma de lua com curvatura suave (formato de crescente). Coloração do corpo prateada nas laterais em tom azulado na parte de cima, com dorso mais escuro. Apresenta estrias longitudinais escuras que passam pelo centro das escamas e se estendem da cabeça até o pedúnculo caudal, sendo menos nítidas na metade inferior do corpo, desaparecendo na região ventral do corpo que apresenta coloração esbranquiçada.



Boas práticas: O período de defeso da tainha é de 15 de março a 15 de setembro nas desembocaduras estuarino-lagunares. Nesse período, a pesca é proibida, exceto com tarrafa, conforme a legislação vigente. Portaria SEAP nº 48 de 24/09/18.





3 cm



Característica e Contagem

Nadadeira peitoral raio	1 dividido	Nadadeira anal espinhos	3
Nadadeira peitoral raio	14-16 ramificados	Nadadeira anal raios	8

Solteira

Nome popular: Salteira, Guaivira, Guaibira

Nome científico: *Oligoplites saurus* Bloch & Schneider, 1801

Família: Carangidae

**Status de
Conservação:**

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Marinho
costeiro e Estuarino



Uso:
Alimentação



Origem:
Nativo



Descrição: Corpo alongado, ligeiramente profundo e bastante comprimido, olhos pequenos (diâmetro contido de 4 a 4,5 vezes o comprimento da cabeça). Os 11 a 15 raios posteriores das nadadeiras dorsal e anal formam pequenas nadadeiras semi-dentadas; bases das nadadeiras anal e dorsal secundária do mesmo comprimento, aproximadamente; nadadeiras peitorais mais curtas que o comprimento da cabeça. Sem quilha caudal ou sulcos no pedúnculo caudal. Cor: azul-turquesa ou azulado na parte superior, laterais e ventre prateados a brancos, às vezes com 7 a 8 faixas prateadas irregulares e espaços brancos ao longo do meio das laterais; apresentam tons dourados ou amarelos na parte inferior do ventre e nas bochechas. Espinhos da nadadeira dorsal escuros ou acinzentados com membranas transparentes, segunda nadadeira dorsal e nadadeira anal geralmente transparentes, mas com marcas escuras, em alguns peixes nadadeira caudal transparente a âmbar.



2.5 cm



Característica e Contagem

Espinhos da nadadeira dorsal	5	Espinho da dorsal	1	Espinho nadadeira anal	1
Raios moles dorsal	19-21	Espinhos anais	2	Raios da nadadeira anal	19-22

Tilápia

Nome popular: Tilápia, Tilapa

Nome científico: *Oreochromis niloticus* Linnaeus 1758

Família: Cichlidae

Status de Conservação:

LC

Pouco Preocupante

LEAST CONCERN



Habitat: Rios e lagoas



Uso:

Alimentação



Origem: Exótico Invasora |
Bacia do rio Nilo e outras
bacias africanas



Descrição: A tilápia apresenta formato do corpo fusiforme (alongado e ovalado) na sua secção transversal e comprimido (lateralmente achatada), perfil dorsal reto ou levemente curvo com a cabeça relativamente pequena. A característica que mais se destaca são as faixas pretas verticais na lateral do corpo, em todas suas fases de vida. A nadadeira dorsal é longa e continua com a presença de espinhos na primeira porção e raios na sua segunda porção, nadadeira caudal truncada com as extremidades levemente arredondadas. formato longo e afilado (lanceolado), com ponta fina, contendo raios moles, a nadadeira pélvica possui formato afilado com raios bem definidos e coloração que varia de cinza-claro a totalmente negra conforme a maturidade sexual, pontiaguda e alongada em direção à parte posterior do corpo.



2.5 cm



Característica e Contagem

Espinhos nadadeira dorsal	15-18	Raios nadadeira anal	9-11	Raios nadadeira peitoral	14-16
Raios da nadadeira dorsal	11-13	Vertebras	30-32	Espinhos nadadeira pélvica	1
Espinhos nadadeira anal	3	Escamas da linha lateral		Raios nadadeira pélvica	5

Jundiá

Nome popular: Jundiá

Nome científico: *Rhamdia quelen* Quoy & Gaimard 1824

Família: Heptapteridae

Status de Conservação: **LC** Pouco Preocupante LEAST CONCERN

 **Habitat:** Rios e lagoas

 **Uso:**
Alimentação, Ornamental

 **Origem:**
Nativo

 **Descrição:** Barbilhão maxilar bastante longo, avançando por todo o corpo até a base da nadadeira caudal. A nadadeira adiposa também é longa, se estendendo do meio do corpo até a base da caudal. A coloração é cinza clara no dorso e laterais, variando para um tom amarelado na parte ventral.

Oyakawa OT, Akama A, Mautari KC, Nolasco JC. 2006. Peixes de riachos da Mata Atlântica nas Unidades de Conservação do Vale do Rio Ribeira de Iguape no Estado de São Paulo. Editora Neotrópica. São Paulo, SP.



2 cm

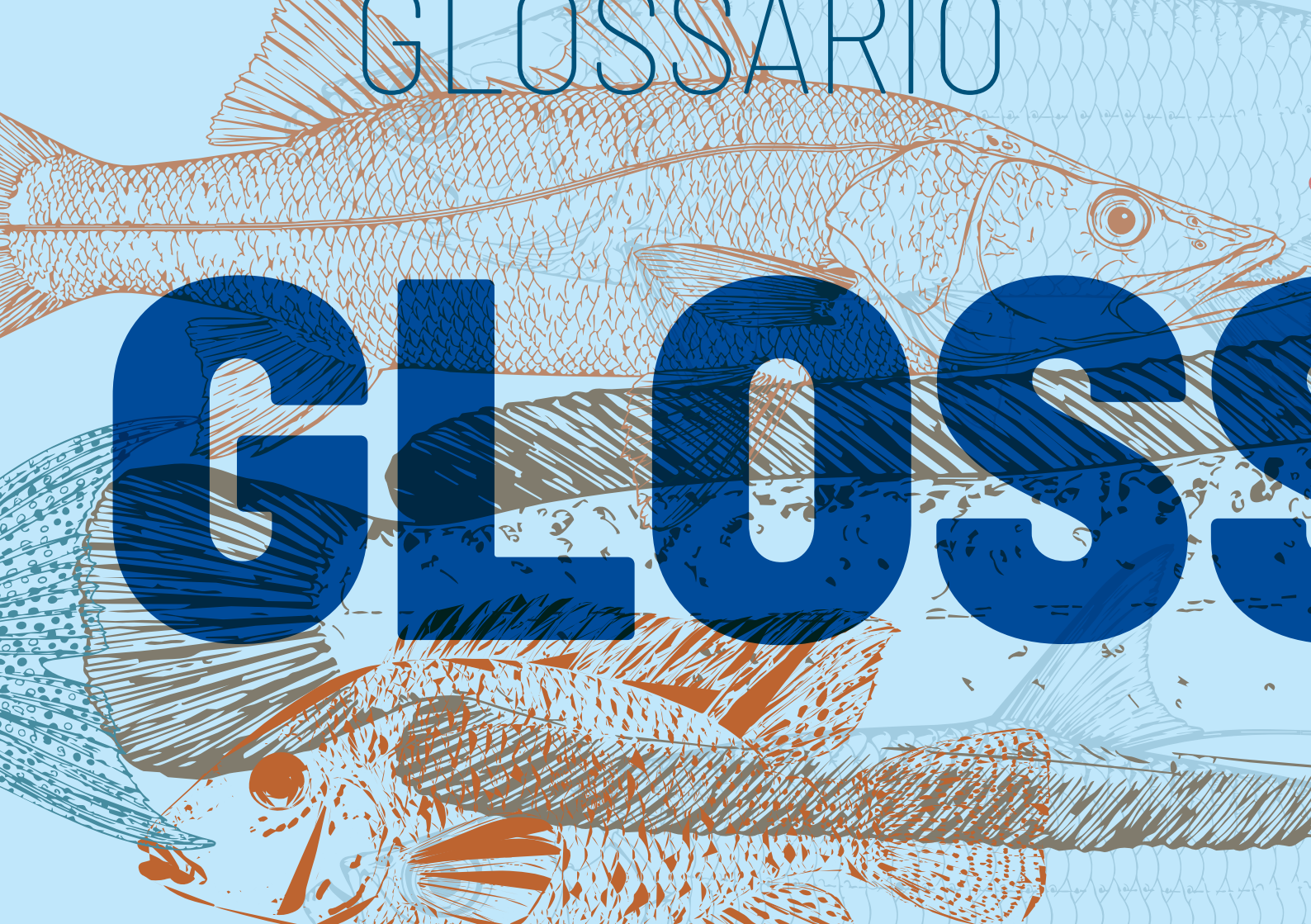


Característica e Contagem

Raios endurecido nadadeira dorsal	1	Raios não ramificados nadadeira anal	3-6	Raios ramificados nadadeira pélvica	5
Raios ramificados nadadeira dorsal	6-7	Raios ramificados nadadeira anal	8-12	Espinhos nadadeira peitoral	1
Raios nadadeira caudal	15-16	Raios não ramificados nadadeira pélvica	1	Raios ramificados nadadeira peitoral	8-9

GLOSSARIO

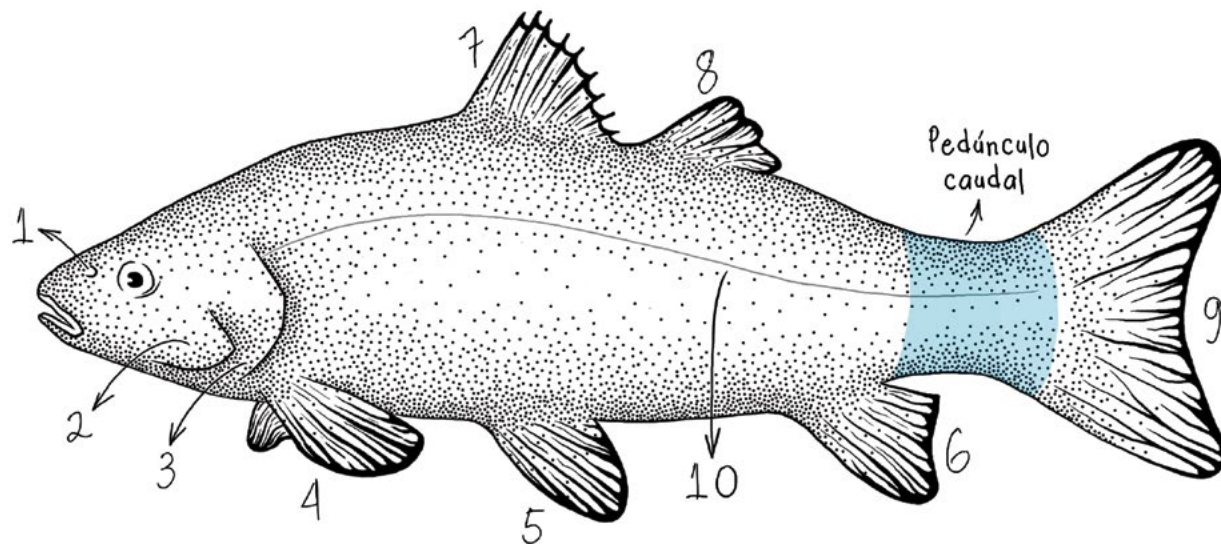
Gloss





SÁRIO

GLOSSÁRIO



① Narina

② Pré-opérculo

③ Opérculo

④ Nadadeira peitoral

⑤ Nadadeira pélvica

⑥ Nadadeira anal

⑦ Nadadeira dorsal espinhosa

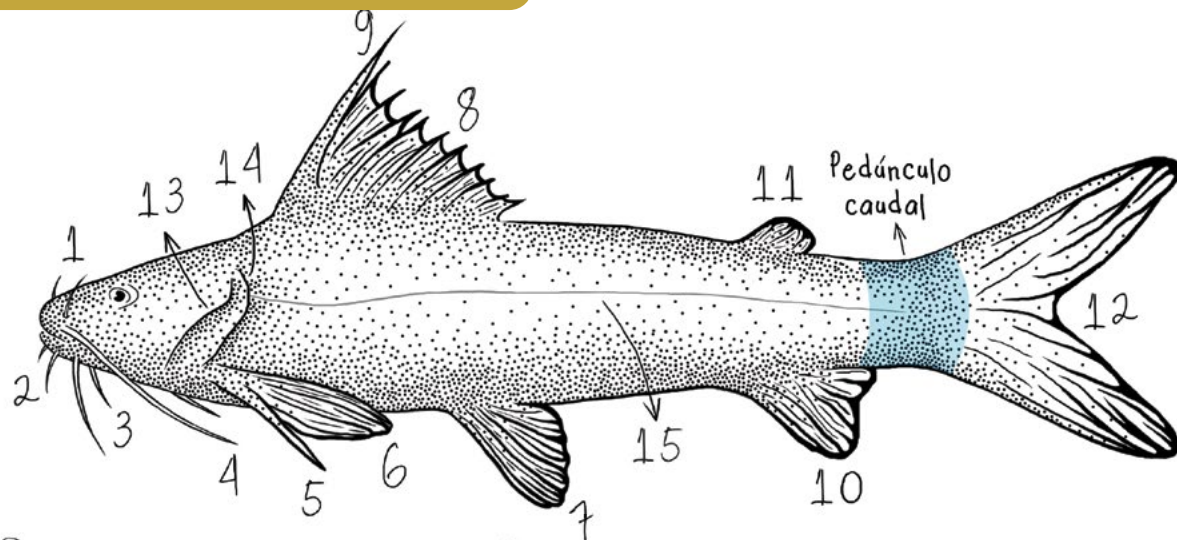
⑧ Nadadeira dorsal com raios

⑨ Nadadeira caudal

⑩ Linha lateral

Bagre de água doce

Glossário ilustrado



① Barbilhão nasal

② Barbilhão da maxila inferior

③ Barbilhão da maxila superior

④ Barbilhão da mandíbula

⑤ Acúleo da peitoral

⑥ Nadadeira peitoral

⑦ Nadadeira pélvica

⑧ Nadadeira dorsal

⑨ Acúleo da dorsal

⑩ Nadadeira anal

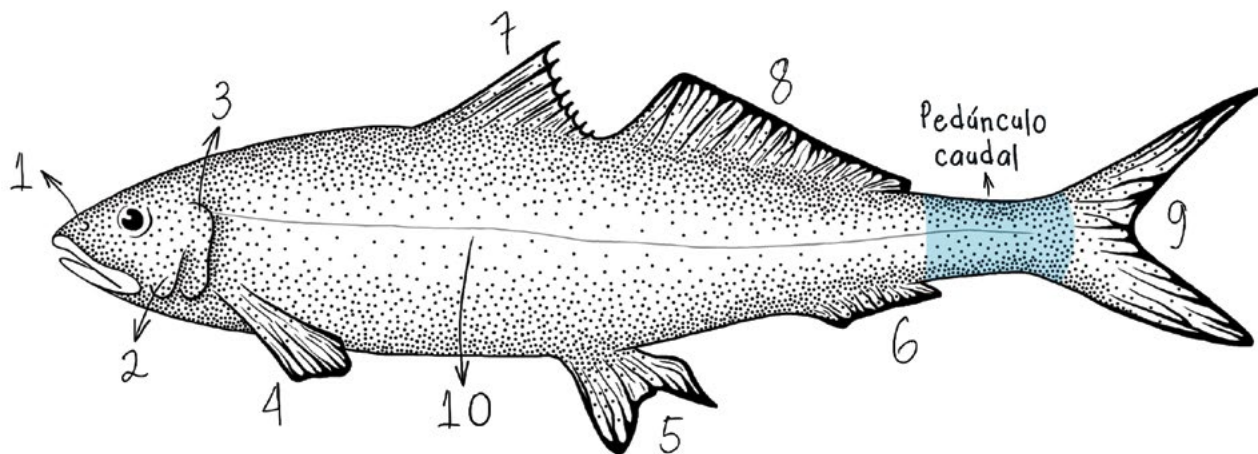
⑪ Nadadeira adiposa

⑫ Nadadeira caudal

⑬ Pré-opérculo

⑭ Opérculo

⑮ Linha lateral



① Narina

② Pré-opérculo

③ Opérculo

④ Nadadeira peitoral

⑤ Nadadeira pélvica

⑥ Nadadeira anal

⑦ Nadadeira dorsal espinhosa

⑧ Nadadeira dorsal com raios

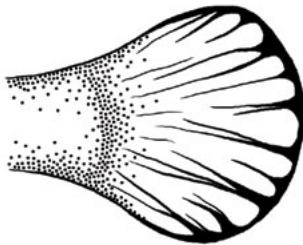
⑨ Nadadeira caudal

⑩ Linha lateral

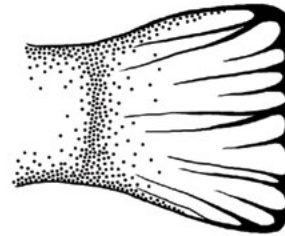
Nadadeiras caudais

Glossário ilustrado

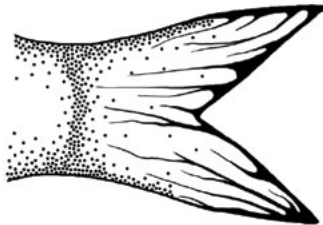
Arredondada



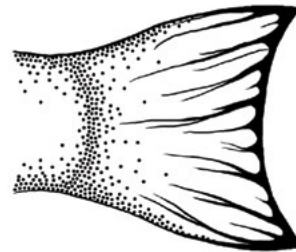
Truncada



NADADEIRAS CAUDAIS



Bifurcada



Emarginada

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Akama, A., Carvalho, C. E., Ottoni, F. P., Dagosta, F. C. P., Deprá, G. C., Varella, H. R., Zuanon, J., Ready, J. S., Sousa, L. M., Py-Daniel, L. H. R., Montag, L. F. A., Rocha, M. S., Ito, P. M. M., Ota, R. R., Britzke, R., Graça, W. J., & Ohara, W. M. (2025). *Cichla kelberi*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.35172.2>
- Akama, A., Melo, B. F., Calegari, B., Polaz, C. N. M., Pavanelli, C. S., Alves, C. B. M., Caneppele, D., Vieira, F., Dagosta, F. C. P., Ribeiro, F. R. V., Zuanon, J., Ferreira, K. C. F., Sousa, L. M., Py-Daniel, L. H. R., Silva, L. F. D., Rocha, M. S., Albornoz, P. C. L., Buckup, P. A., Pompeu, P. S., . . . Ohara, W. M. (2023). *Brycon insignis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.18654.2>
- Argolo, L. A., López-Fernández, H., Batalha-Filho, H., & Affonso, P. R. A. de M. (2020). Unraveling the systematics and evolution of the *Geophagus brasiliensis* (Cichliformes: Cichlidae) species complex. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 150, Article 106855. <https://doi.org/10.1016/j.ympev.2020.106855>
- Assis, C. E. de, Dergam, J. A., Cunha, A. F., Machado, V. N., Hrbek, T., Vicente, N. M. de F., Queiroz, V. de, & Henschel, E. (2026). A new endemic pearl cichlid of the *Geophagus brasiliensis* (Cichliformes: Cichlidae) species group from the Piranga River, upper Doce River basin, southeastern Brazil. *Journal of Fish Biology*, 108(6), 1687–1700. <https://doi.org/10.1111/jfb.70324>
- Bizerril, C. R. S. F. (1995). *Composição taxonômica e análise ecológica da ictiofauna da bacia hidrográfica do rio São João, RJ, Brasil* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. Pantheon - Repositório Institucional da UFRJ. <http://hdl.handle.net/11422/4065>
- Buckup, P. A., Britto, M. R., Souza-Lima, R., Pascoli, J. C., Villa-Verde, L., Ferraro, G. A., Salgado, F. L. K., & Gomes, J. R. (2014). *Guia de identificação das espécies de peixes da bacia do rio das Pedras: Município de Rio Claro, RJ*. The Nature Conservancy. <https://doi.org/10.13140/2.1.2444.7042>

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Carpenter, K. E. (Ed.). (2002). *The living marine resources of the Western Central Atlantic: Vol. 3. Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals* (FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes/ASIH Special Publication No. 5). Food and Agriculture Organization of the United Nations.
- Catelani, P. A., Petry, A. C., Pelicice, F. M., & García-Berthou, E. (2021). When a freshwater invader meets the estuary: The peacock bass and fish assemblages in the São João River, Brazil. *Biological Invasions*, 23(1), 167-179. <https://doi.org/10.1007/s10530-020-02363-w>
- Catelani, P. A., Petry, A. C., Pelicice, F. M., & Silvano, R. A. M. (2021). Fishers' knowledge on the ecology, impacts and benefits of the non-native peacock bass *Cichla kelberi* in a coastal river in southeastern Brazil. *Ethnobiology and Conservation*, 10, Article 04. <https://doi.org/10.15451/ec2020-09-10.04-1-16>
- Correa, R. R. (2023). *Caracterização da diversidade genética de reprodutores de tainha Mugil liza de criação e ambiente natural* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/247679>
- Costa, J. V. D. da. (2025). *Uma espécie nova de Hoplias Gill (Characiformes: Erythrinidae) da bacia do alto rio Paraná* [Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista (Unesp)]. Repositório Institucional Unesp. <https://hdl.handle.net/11449/319065>
- Dario, F., Marceniuk, A. P., Bauer, A. B., Vilar, C. C., Gasparini, J. L. R., Loeb, M. V., Rotundo, M. M., Santana, F. M., Scalco, A. C. S., Schneider, F., Salge, P. G., & Santos, R. A. (2025). *Mugil curema*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.27534.2>
- Dario, F., Tomás, A. R. G., Bittencourt, C. A. S., Vilar, C. C., Carvalho Filho, A., Machado, F. S., Rolim, F. A., Gasparini, J. L. R., Fischer, L. G., Vianna, M., Rotundo, M. M., Chaves, P. T. C., Ramos, R. T. C., Santos, S. R. B., Vaske Jr., T., Frédou, T., Sant'anna, V. B., Scalco, A. C. S., Schneider, F., & Santos, R. A. (2025). *Eugerres brasiliensis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.37362.2>

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Diamante, N. A., Oliveira, A. V. de, Petry, A. C., Catelani, P. A., Pelicice, F. M., Prioli, S. M. A. P., & Prioli, A. J. (2017). Molecular analysis of invasive *Cichla* (Perciformes: Cichlidae) populations from neotropical ecosystems. *Biochemical Systematics and Ecology*, 72, 15–22. <https://doi.org/10.1016/j.bse.2017.03.004>
- Dias, A. C., & Zawadzki, C. H. (2018). Identification key and pictures of the *Hypostomus* Lacépède, 1803 (Siluriformes, Loricariidae) from the rio Ivaí, upper rio Paraná basin. *Check List*, 14(2), 393–414. <https://doi.org/10.15560/14.2.393>
- Dutra, G. M., Ochoa, L. E., Vita, G., Gentile, P. V., & Netto-Ferreira, A. L. (2022). Integrative taxonomy reveals a new species of *Cyphocharax* (Characiformes: Curimatidae) from the Upper Paraíba do Sul River basin, Brazil. *Neotropical Ichthyology*, 20(3), Article e220017. <https://doi.org/10.1590/1982-0224-2022-0017>
- Fernandes, C. A. F., Dario, F., Macieira, R. M., Carvalho Filho, A., Araujo, G. S., Sampaio, C. L. S., Pimentel, C. R., Hostim-Silva, M., Mendonça, J. T., Schneider, F., Scalco, A. C. S., & Santos, R. A. (2025). *Centropomus undecimalis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.37164.2>
- Fernandes, C. A. F., Sampaio, C. L. S., Hostim-Silva, M., Santos, R. A., Barreto, R. R. P., & Vianna, M. (2024). *Megalops atlanticus*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.27499.2>
- Ferreira, A. L. N., Katz, A. M., Polaz, C. N. M., Pavanelli, C. S., Soares, C. L., Fukakusa, C. K., Vieira, F., Mattox, G. M. T., Souza, G., Varella, H. R., Santos, I. C. A. S., Oliveira, I. H. R., Soares, I. M., Mejia, J. E., Mattos, J. L. O., Dopazo, M., Pais, M. P., Oyakawa, O. T., Albornoz, P. C. L., . . . Pessali, T. C. (2025). *Geophagus brasiliensis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.19375.3>
- Figueiredo Filho, J. M. de. (2019). *Revisão taxonômica das espécies do gênero Centropomus Lacépède, 1802 (Perciformes, Centropomidae) do Atlântico Ocidental* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19399>

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Figueredo-Filho, J. M., Marцениuk, A. P., Feijó, A., Siccha-Ramirez, R., Ribeiro, G. S., Oliveira, C., & Rosa, R. S. (2021). Taxonomy of *Centropomus* Lacépède, 1802 (Perciformes: Centropomidae), with focus on the Atlantic species of the genus. *Zootaxa*, 4942(3), 301–338. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4942.3.1>
- Garavello, J. C., Britski, H. A., & Zawadzki, C. H. (2012). The cascudos of the genus *Hypostomus* Lacépède (Ostariophysi: Loricariidae) from the rio Iguaçu basin. *Neotropical Ichthyology*, 10(2), 263–283. <https://doi.org/10.1590/S1679-62252012000200005>
- Gomes, L. C., Golombieski, J. I., Gomes, A. R. C., & Baldisserotto, B. (2000). Biologia do jundiá *Rhamdia quelen* (Teleostei, Pimelodidae). *Ciência Rural*, 30(1), 179–185. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782000000100029>
- González-Acosta, A. F., De la Cruz-Agüero, J., & Castro-Aguirre, J. L. (2007). A review of the marine western Atlantic species of the genus *Eugerres* (Perciformes: Gerreidae). *Bulletin of Marine Science*, 80(1), 109–124.
- Hilsdorf, A. W. S., Oyakawa, O. T., Polaz, C. N. M., Caneppele, D., Souza, G., & Caramaschi, É. P. (2018). 80 anos de história e conservação da piabanha, *Brycon insignis*, espécie ameaçada de extinção. *Boletim Sociedade Brasileira de Ictiologia*, (126), 21–28. https://www.sbi.bio.br/images/sbi/boletim-docs/2018/junho_126.pdf
- Kullander, S. O., & Ferreira, E. J. G. (2006). A review of the South American cichlid genus *Cichla*, with descriptions of nine new species (Teleostei: Cichlidae). *Ichthyological Exploration of Freshwaters*, 17(4), 289–398.
- Lima, F. C. T. (2017). A revision of the cis-andean species of the genus *Brycon* Müller & Troschel (Characiformes: Characidae). *Zootaxa*, 4222(1), 1–189. <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4222.1.1>
- Malabarba, L. R., Neto, P. C., Bertaco, V. A., Carvalho, T. P., Santos, J. F., & Artioli, L. G. S. (2013). *Guia de identificação dos peixes da bacia do rio Tramandaí*. Via Sapiens.
- Mendonça, J. T., Dario, F., Macieira, R. M., Carvalho Filho, A., Fernandes, C. A. F., Araujo, G. S., Sampaio, C. L. S., Pimentel, C. R., Hostim-Silva, M., Schneider, F., Scalco, A. C. S., & Santos, R. A. (2025). *Centropomus parallelus*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.37160.2>

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Ohara, W. M., Lima, F. C. T., Salvador, G. N., & Andrade, M. C. (2017). *Peixes do Rio Teles Pires: Diversidade e guia de identificação*. Gráfica e Editora Amazonas. <https://www.uhetelespires.com.br/site/uploads/arquivos/2020/08/513-1-peixes-do-rio-teles-pires-diversidade-e-guia-de-identificacao-chnp.pdf>
- Oyakawa, O. T., & Mattox, G. M. T. (2009). Revision of the Neotropical trahiras of the *Hoplias lacerdae* species-group (Ostariophysi: Characiformes: Erythrinidae) with descriptions of two new species. *Neotropical Ichthyology*, 7(2), 117–140. <https://doi.org/10.1590/S1679-62252009000200001>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2023). *Cyphocharax gilbert*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15123.2>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2023). *Hoplerthrinus unitaeniatus*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15145.2>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2023). *Hoplias malabaricus*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15316.2>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2023). *Hoplosternum littorale*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15372.2>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2023). *Hypostomus affinis*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15265.2>
- Pavanelli, C. S., Vieira, F., Cardoso, P. C. A., & Reis, R. E. (2024). *Rhamdia quelen*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.15242.2>

Fontes de Consulta e Referências Bibliográficas

- Pimentel, C. R., Gasparini, J. L. R., Reis Filho, J. A., Rocha, L. O. F., Vianna, M., Barbosa, M. C., Andrade, R. C., & Macieira, S. M. R. E. R. M. (2023). *Oligoplites saurus*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.22090.2>
- Reis, R. E. (1997). Revision of the Neotropical catfish genus *Hoplosternum* (Ostariophysi: Siluriformes: Callichthyidae), with the description of two new genera and three new species. *Ichthyological Exploration of Freshwaters*, 7(4), 299–326.
- Rivas, L. R. (1986). Systematic review of the perciform fishes of the genus *Centropomus*. *Copeia*, 1986(3), 579–611. <https://doi.org/10.2307/1444940>
- Rotundo, M. M., Di-Dario, F., Marceniuk, A. P., Bauer, A. B., Vilar, C. C., Gasparini, J. L. R., Loeb, M. V., Scalco, A. C. S., Schneider, F., & Santos, R. A. (2025). *Elops smithi*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.29538.2>
- Santana, T. C. de, Castro, J. de J. P., Lima, D. de J. V., Castro, J. da S., Lindoso, A. L. P., & Teixeira, E. G. (2015). Levantamento e caracterização das espécies do gênero *Mugil* Linnaeus, 1758 (Teleostei: Mugiliformes) da Ilha do Maranhão, Brasil. *Revista Brasileira de Engenharia de Pesca*, 8(2), 55–64. <https://doi.org/10.18817/repesca.v8i2.1103>
- Silva, L. A. da. (2025). *Biologia reprodutiva do robalo-peva Centropomus parallelus Poey, 1860 (Osteichthyes: Centropomidae) na região estuarina do Rio São Mateus, Conceição da Barra - ES* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Espírito Santo]. https://biologia.saomateus.ufes.br/sites/biologia.saomateus.ufes.br/files/field/anexo/lorena_alves_versao_final_monografia_lorena.pdf
- Vari, R. P. (1992). *Systematics of the Neotropical characiform genus Cyphocharax Fowler (Pisces: Ostariophysi)* (Smithsonian Contributions to Zoology, No. 529). Smithsonian Institution Press. <https://doi.org/10.5479/si.00810282.529>
- Vianna, M., Sobrinho, J. P. V., Vaz-Dos-Santos, A. M., Jankowski, M., Freitas, M. O., Costa, M. R., Santos, S. R. B., Scheidt, G., Silva, F. M. S., Scalco, A. C. S., Schneider, F., Salge, P. G., & Santos, R. A. (2026). *Mugil liza*. Sistema de Avaliação do Risco de Extinção da Biodiversidade (SALVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. <https://doi.org/10.37002/salve.ficha.27538.2>

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!

EXPRESSE AQUI SUAS OBSERVAÇÕES!



APOIO



apoio a
UCs
Conservação &
Uso Sustentável

MPF
Ministério Público Federal



A realização do Projeto Apoio a UCs é uma medida compensatória estabelecida pelo Termo de Ajustamento de Conduta de responsabilidade da empresa PRIO, conduzido pelo Ministério Público Federal – MPF/RJ.